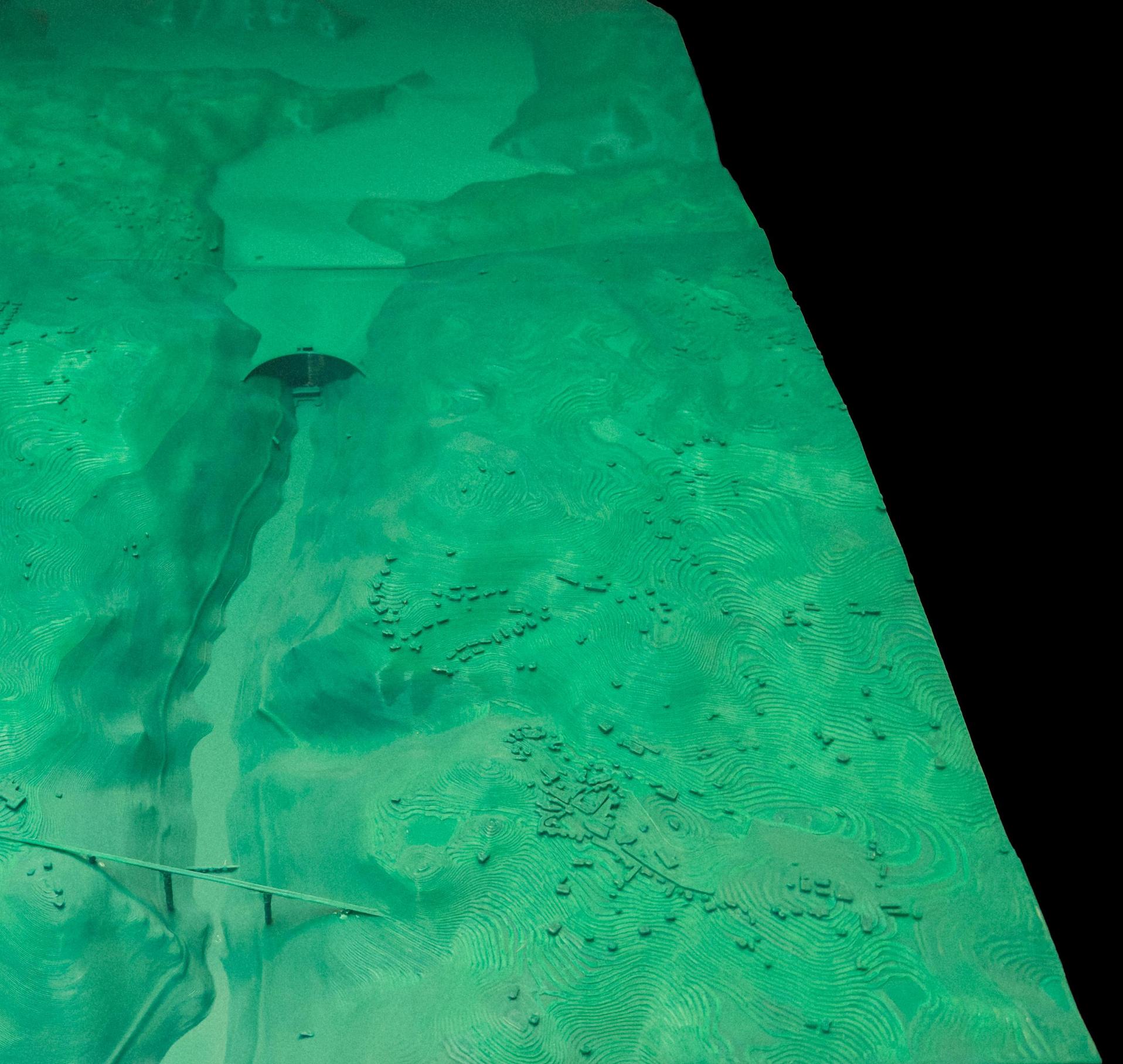


INVESTIGAÇÕES II

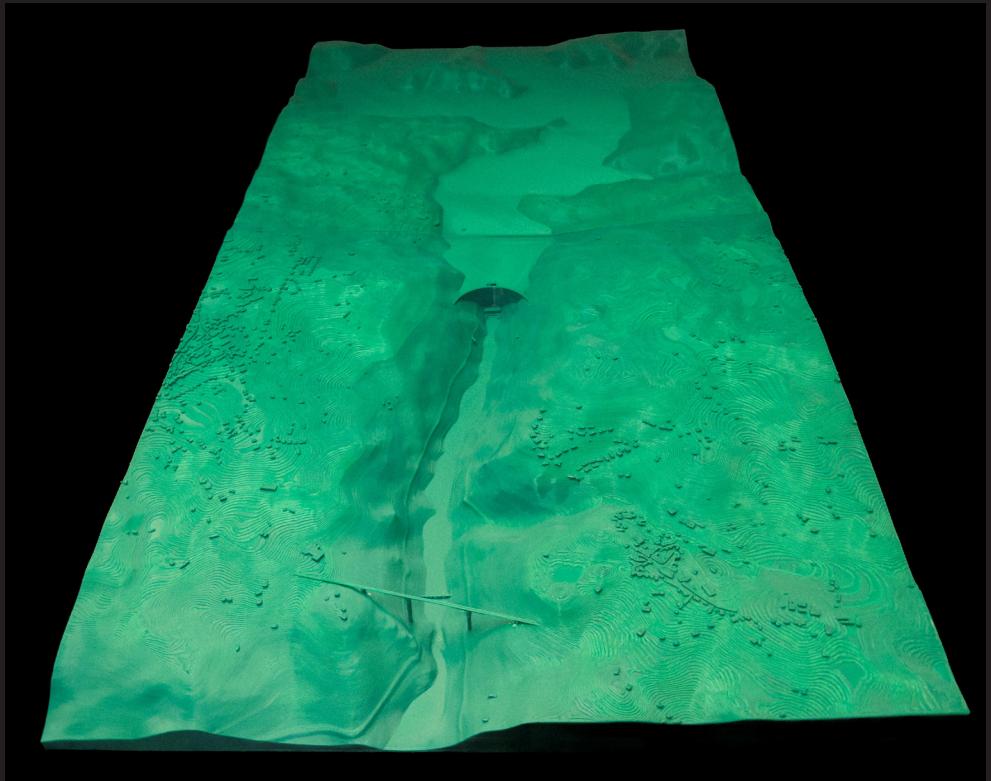
ARQUI-
TEC-
TURAS
NA
MAR-
GEM:
O que te
faz feliz?



Beatriz Duarte
Beatriz Ribeiro
Carolina Künster
Cláudia Costa
Davi Souza
Diogo Vitorino
Flávio Ferreira
Inês Silva
Irina Bencheci
Matilde Monteiro
Miguel Matos
Patrícia Barbas

(PFA 2023-2024)

Arquiteturas na Margem: o que te faz feliz? foi um meio para repensar a realidade. Propôs-se uma reflexão sobre o papel e a responsabilidade da arquitetura na transformação do território, considerando grandes questões contemporâneas: as consequências da ação humana, o turismo em massa, a indústria da felicidade, a crise climática, a necessidade de reduzir a extração de recursos e o impacto das infraestruturas no ecossistema. Desta vez, e na sequência de Arquitecturas na Cidade: O que te faz feliz? (PFA 2019-2020), o olhar voltou-se para a barragem do Cabril, situada entre Pedrógão Grande, no distrito de Leiria, e Pedrógão Pequeno, no distrito de Castelo Branco.



Arquiteturas na Margem: o que te faz feliz?

Patrícia Barbas

Construída como parte do grande projeto de barragens em Portugal e inaugurada em meados dos anos 50, essa infraestrutura interrompe o percurso do rio Zêzere, cuja geografia singular abriga a jusante outras duas barragens hidroelétricas: a da Bouça e a de Castelo de Bode. Esse contexto incentivou a investigação da relação entre arquitetura, energia e ecologia, explorando cenários alternativos para o futuro da barragem. Partindo de um exercício de imaginação — o cenário ficcionado de desativação da exploração hidroelétrica da barragem do Cabril —, propôs-se uma reflexão crítica sobre os paradigmas da arquitetura e da gestão dos recursos hídricos. O desafio não foi apenas projetar, mas transformar, repensando os modos de intervenção e investigando alternativas de reuso e regeneração. A questão que guiou este percurso permaneceu a mesma: O que te faz feliz?, mas desta vez, deslocada para a margem, para um território em transição e para um ecossistema em constante negociação. Ao longo do percurso, a análise da área de estudo serviu como ponto de partida, envolvendo investigação, levantamento e documentação de fontes e trabalho de campo. A estratégia de intervenção foi definida coletivamente e resultou na articulação entre teoria e prática, concretizando-se em investigações/projetos individuais. Compreender, documentar, registrar e intervir com precisão foram etapas fundamentais do processo. Essa jornada foi acompanhada por visitas de estudo, acesso a arquivos, exposições e um ciclo de conversas com especialistas de diferentes áreas, ampliando as perspectivas sobre o tema. O percurso foi documentado em ensaios visuais e escritos, culminando em uma publicação e um registo digital, reforçando a importância do olhar crítico e coletivo sobre o território. Assim, Arquitecturas na Margem afirmaram-se como um espaço de questionamento e experimentação, onde a arquitetura se tornou um meio de reflexão sobre o tempo, a paisagem e a nossa relação com a água.



No Dorso da albufeira

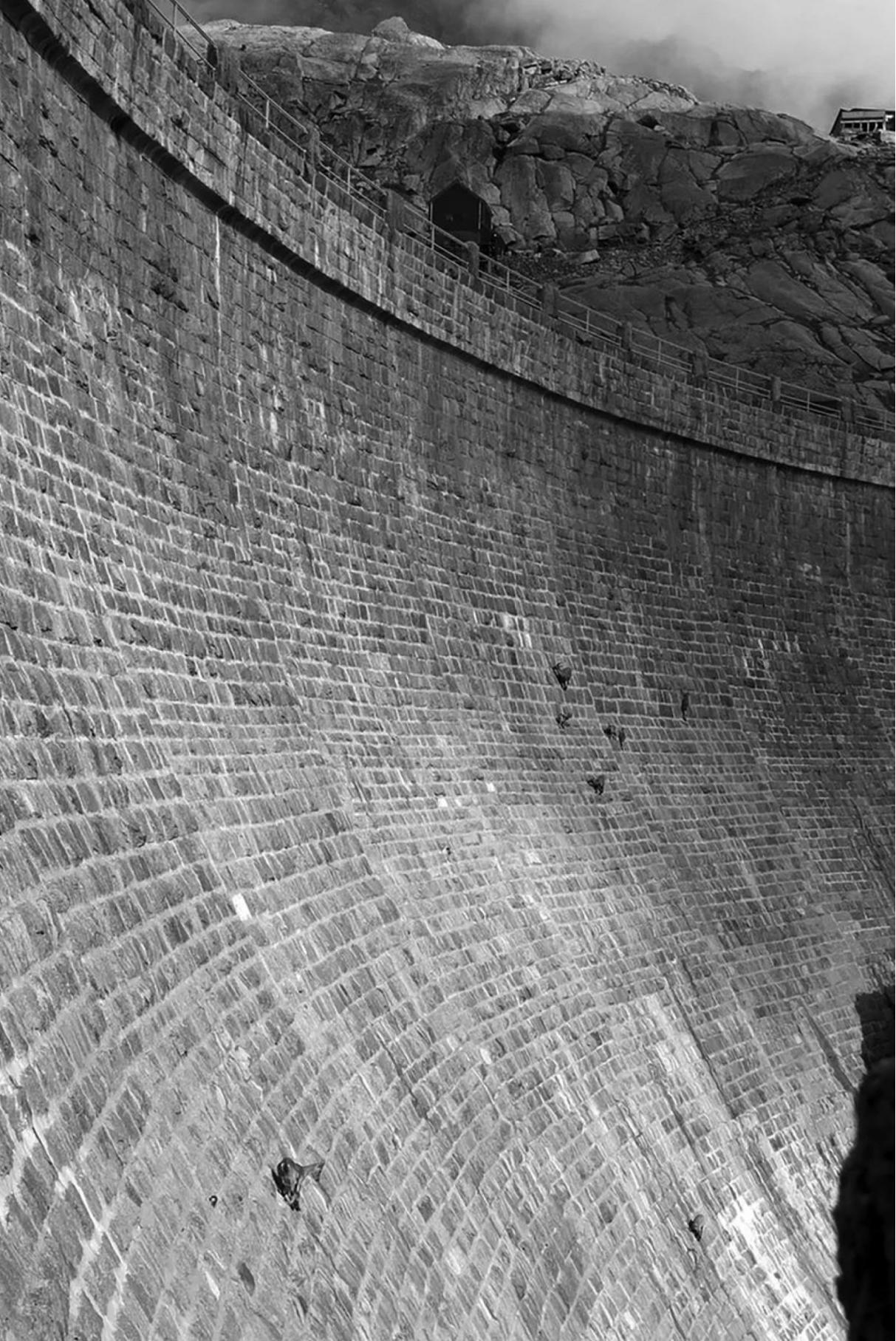


2. Ilustração da Barragem
do Cabril em "O lodo
e as estrelas", 1960,
Chichorro Rodrigues.

A barragem do Cabril está uma maravilha!
Os visitantes ficam entusiasmados!
Que técnica! Que harmonia de linhas, e a albufeira tão azul,
a refletir nas margens as casas, as árvores e as flores!
Encanto!
Pois nela o Ramalho
apanhou uma silicose quando marteleiro e capataz nos túneis.
Está quase no último grau.
Um dia vem-lhe a ideia de se matar.
Noutro, fica meio louco.
Noutro, conforta a mulher e os filhos.
Noutro estende-se na pobre cama e chora.
Noutro sai da barraca, tira a boina e... pede esmola.
Que vergonha para nós!
Quando, em nossa terra, a reforma e a assistência
a que o Ramalho tem direito?
Que linda está a barragem do Cabril!
Em dias claros, podemos vê-la
reflectida nas águas.
Quando lá passo, vejo sempre a boiar, no dorso da albufeira,
os pulmões do Ramalho

As consequências agregadas à construção de uma barragem não estão à vista de todos. "No dorso da Albufeira" revela os vários pontos de vista sobre a construção de uma obra de tal dimensão, desde os trabalhadores e as suas condições de vida, à opinião exterior de quem passa e vê o novo plano de água a surgir. O livro de "O lodo e as estrelas" da autoria de Teímo Ferraz contém poemas que retratam factos e histórias do quotidiano do povo, no processo de construção da barragem do Cabril, bem como noutras obras da mesma dimensão, o que levou este livro a ser censurado pelo regime.

5 de Abril de 1957.
(Ferraz, 1960, pp. 63-64)



Para onde foram as cabras?: Diagnóstico de um território

Inspirados no capítulo “Where did the cows go?” de *Countryside, A Report*¹, o atelier Na Margem põe em cima da mesa as questões que foram sendo lançadas ao longo da investigação e é certo que, foram elas que conduziram e alimentaram o processo e o diagnóstico deste território. O diagnóstico é apresentado através de fotografias, cartografias e desenhos originais, entre outros elementos que nos ajudam na aproximação a este lugar.

3. © <http://medavia.co.uk/>

¹. Koolhas.R, (2020), “Where did the cows go?”, “Countryside, A Report” (pp.324- 351)

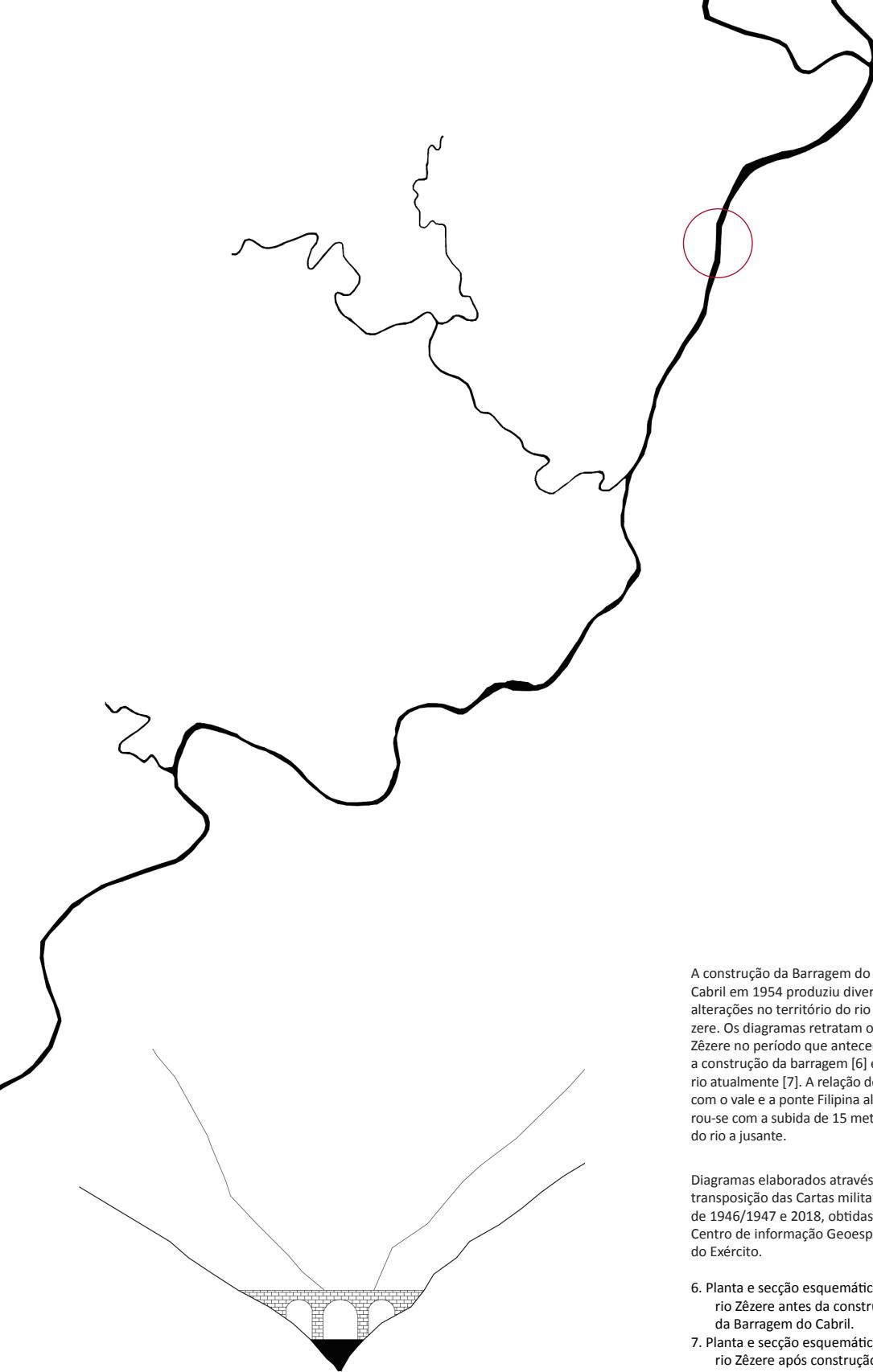
Quem é o dono da margem?	Só existe quietude no meio rural?	O que é que desapareceu com a barragem?
A margem é propriedade pública ou privada?	A natureza é silenciosa?	O que é que apareceu com a albufeira?
Quem vive nas povoações?	O que é um território?	Reparar ou reparar?
Que relações existem entre povoações?	Para quem é a arquitetura?	O que queremos para o futuro? E o que devemos fazer? Temos consciência dos nossos atos?
A que distância se encontram os equipamentos públicos?	O que é que acontece se houver uma seca extrema no território?	Power: poder ou energia?
O que é suficiente para a felicidade?	O que é harmonia? Qual é a escala? E qual a proporção?	Estamos a apropriar-nos de algo que não é nosso?
O que precisamos para ser felizes depende do lugar onde nos encontramos?	Como se dá o ato criativo?	Existe arte para não humanos?
A felicidade depende do lugar?	Como se compõe o espaço?	Porque é o Homem o centro de tudo? E se não for?
O que é o campo?	Qual é a nossa hipótese de escolha?	Quando começa o consumo excessivo?
De que forma o tempo alterou o local?	O que é que o mundo nos diz sobre os recursos hídricos?	Qual é a medida das nossas ações para salvar o planeta?
Qual é o percurso do rio Zêzere?	Como viver e deixar viver a água?	É preciso repensar as relações com a natureza?
O que é local e o que é global?	O que te faz feliz no campo?	Pertencemos a algum lado?
O que determina uma comunidade?	O que distingue um contexto rural de um urbano?	
O que é que nos faz feliz? Será a industrialização, a solução?	O que é que o campo tem, que a cidade não tem?	
	A felicidade está na simplicidade?	
	O meio rural só é relevante se estiver afastado da urbanização?	
	O que é o êxodo rural?	
	Justifica-se a construção de mais barragens?	



4. Carta Militar de Portugal de 1946 / 1947. Fonte: Centro de informação Geoespacial do Exército.



5. Carta Militar de Portugal de 2018. Fonte: Centro de informação Geoespacial do Exército.



A construção da Barragem do Cabril em 1954 produziu diversas alterações no território do rio Zêzere. Os diagramas retratam o rio Zêzere no período que antecedeu a construção da barragem [6] e o rio atualmente [7]. A relação do rio com o vale e a ponte Filipina alterou-se com a subida de 15 metros do rio a jusante.

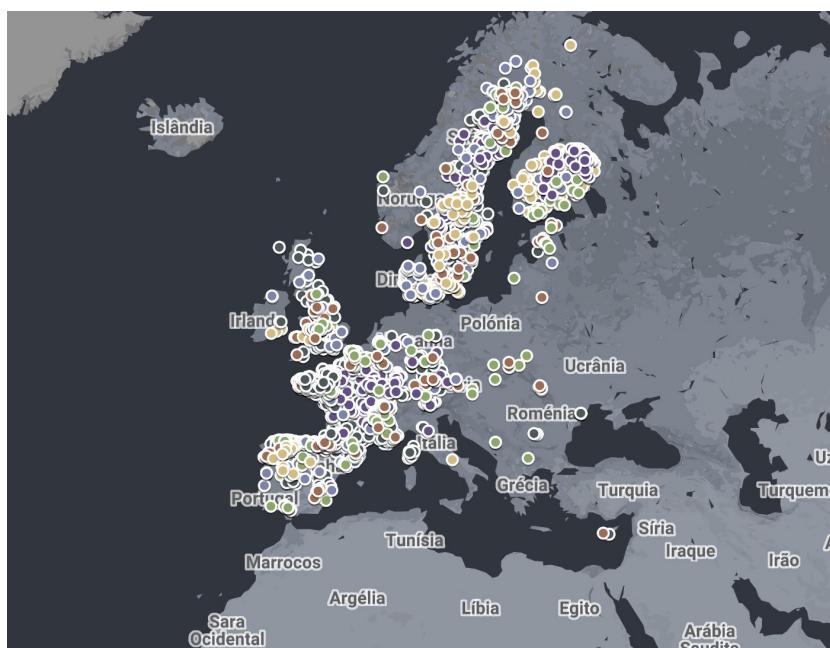
Diagramas elaborados através da transposição das Cartas militares de 1946/1947 e 2018, obtidas no Centro de informação Geoespacial do Exército.

6. Planta e secção esquemática do rio Zêzere antes da construção da Barragem do Cabril.

7. Planta e secção esquemática do rio Zêzere após construção da Barragem do Cabril.



**“487
barragens
removidas
em 2023.”**



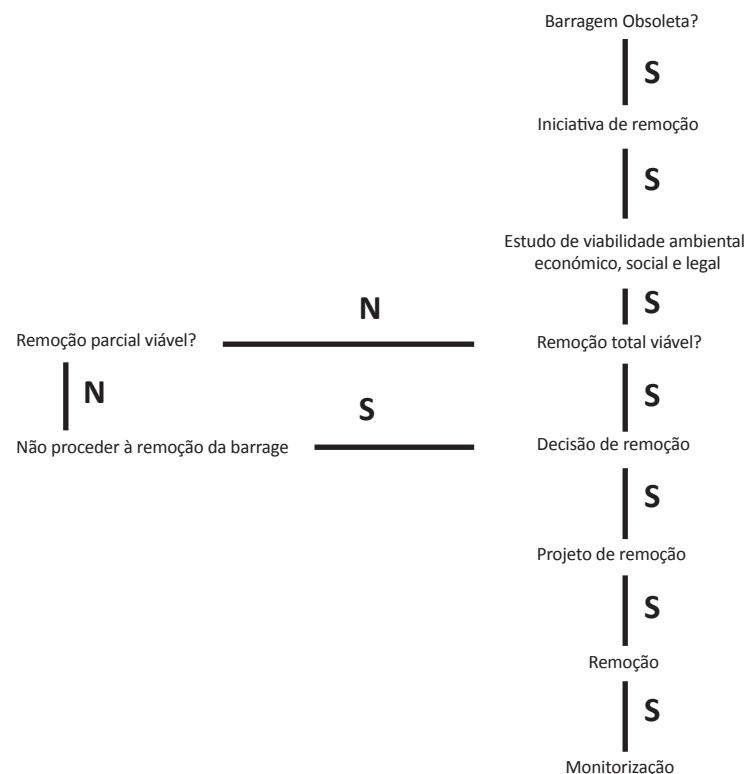
8. Mapa da Europa com as barragens que foram demolidas até 2023.
Fonte: Dam Removal Europe.

A construção de uma barragem cuja função é a produção hidroelétrica, como é o caso da barragem do Cabril, tem grandes questões inerentes à sua construção e às consequências no território. O que à partida se considera uma fonte de energia renovável, hoje é claramente algo que não podemos tomar por garantido face à problemática do clima. O novo paradigma exige um repensar deste tipo de infraestruturas.

No caso da barragem do Cabril, que constitui uma parede de betão de 132m de altura, como em tantas outras no mundo, a sua construção deu origem a uma albufeira que por um lado permite a prática de desportos náuticos por outro, deixa aldeias submersas e exige o deslocamento de populações em questão.

“A construção da barragem do Cabril provocou um verdadeiro êxodo no Vilar e outros lugares, que a albufeira consequentemente tornou inabitáveis.”

A margem do rio caracterizava-se por terrenos agrícolas em socalcos, minas e aldeamentos que ficaram submersos, como é o caso da Aldeia de Vilar de Amoreira. Em momentos de seca extrema como sucedeu em 2022 foi possível ver as ruínas desta aldeia.



9. Esquema sobre a remoção de barragens. Baseado em esquema de Francisco Godinho.



10. Testemunhos, Barragem do Cabril, Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.5. Imagem de satélite de 1985. Fonte: Arquivo do IGOT.



11. Recorte do Jornal "A Comarca de Arganil" de 27 de Março de 1954 – Ano da inauguração da barragem do Cabril. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

12. Fotografia da Aldeia de Vilar da Amoreira, 2022. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande

PONTELA DO FOJO
perde a sua melhor povoação

Vilar da Amoreira

já desapareceu debaixo das águas da repreza do Zezere
NO CABRIL DE PEDRÓGÃO

RIBEIRO DO SOUTELINHO, 25. — | tudo debaixo de águas — mobílias, lenhas, madeiras, etc. Tudo se vê, assim, desaparecer para nunca mais. Gente boa e trabalhadora, chorar, com toda a razão, pois perdem tudo o que tinham e todas as suas regalias. Quadro desolador, que nos choca profundamente!

Vilar da Amoreira é, sem dúvida, quem mais motivos tem para chorar.

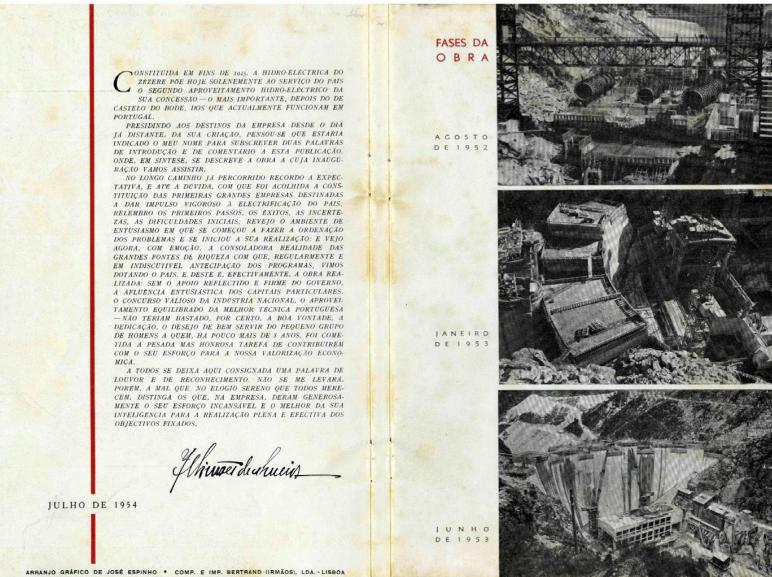
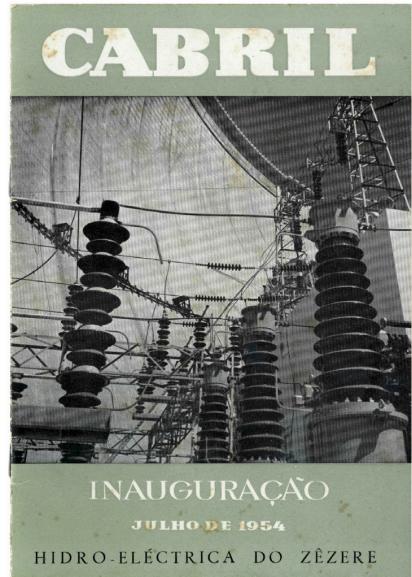
Mas não é só o Vilar da Amoreira que está já a sofrer: todos os outros povos da freguesia têm mais ou menos prejuízos, vendendo-se privados das suas comunicações, das suas passagens. Se quisermos ir para as carreiras de Lisboa ou Coimbra, às 5 e 6 da manhã, como fazê-lo, se temos apenas uns simples e frágeis barcos na Ponte de Pedrões e na Amoreira? E as mercadorias do sul da freguesia, como as devemos transportar? E para os nossos doentes, como fámos chamar o médico e aviar as recetas à farmácia? E se for preciso sairmos de noite, como já tem sucedido?

Pedimos providências a quem de direito, para remediar estes males, pois não estamos a pedir o que não tinhamos.

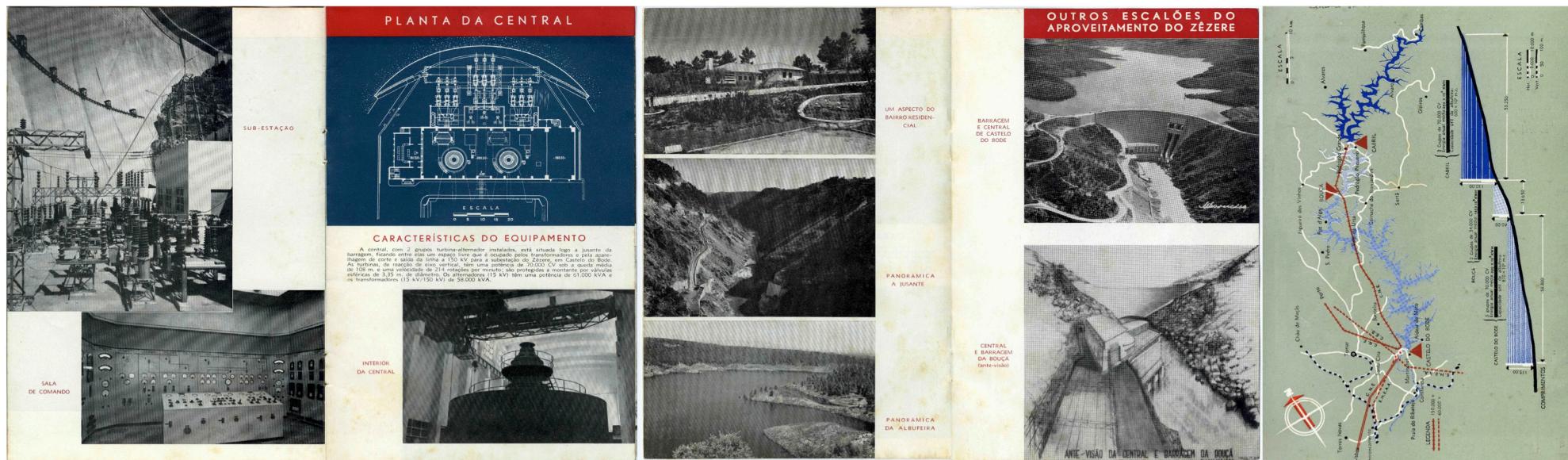
Como acima dizemos, a Ponte de Pedrões tem apenas um barco e igualmente a Ponte de Amoreira.

E o Castelo? Fica a dormir? Tinha uma estrada para carros de bois e muares, pela qual se podia transitar durante todo o ano, e, agora, fica sem nada. Não deve ser.

A esclarecida atenção de quem de direito submetem o caso, para que o pondera devidamente — com humanidade.

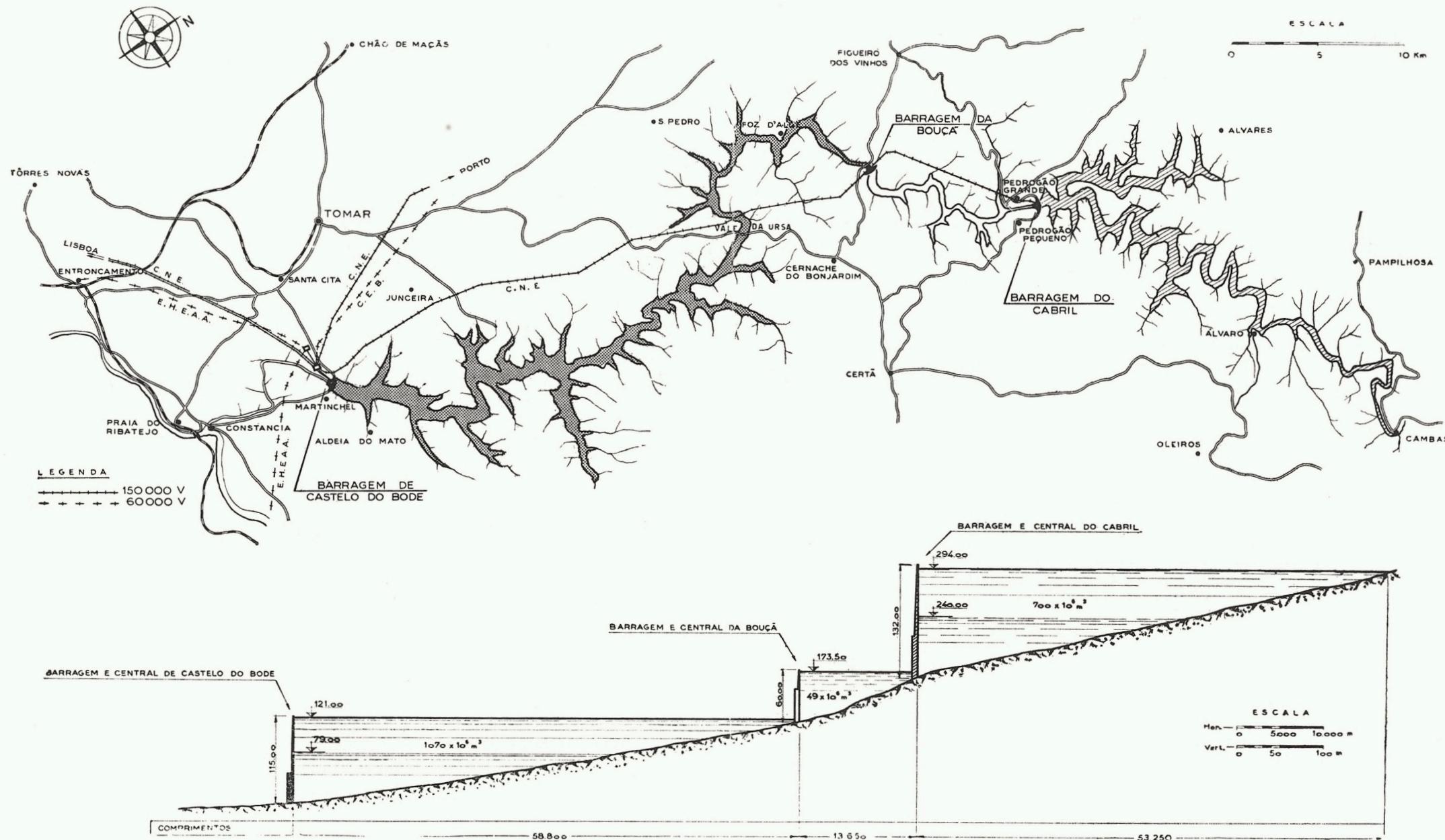


VISTA GERAL DO APROVEITAMENTO HIDROELÉCTRICO DO ZÉZERE

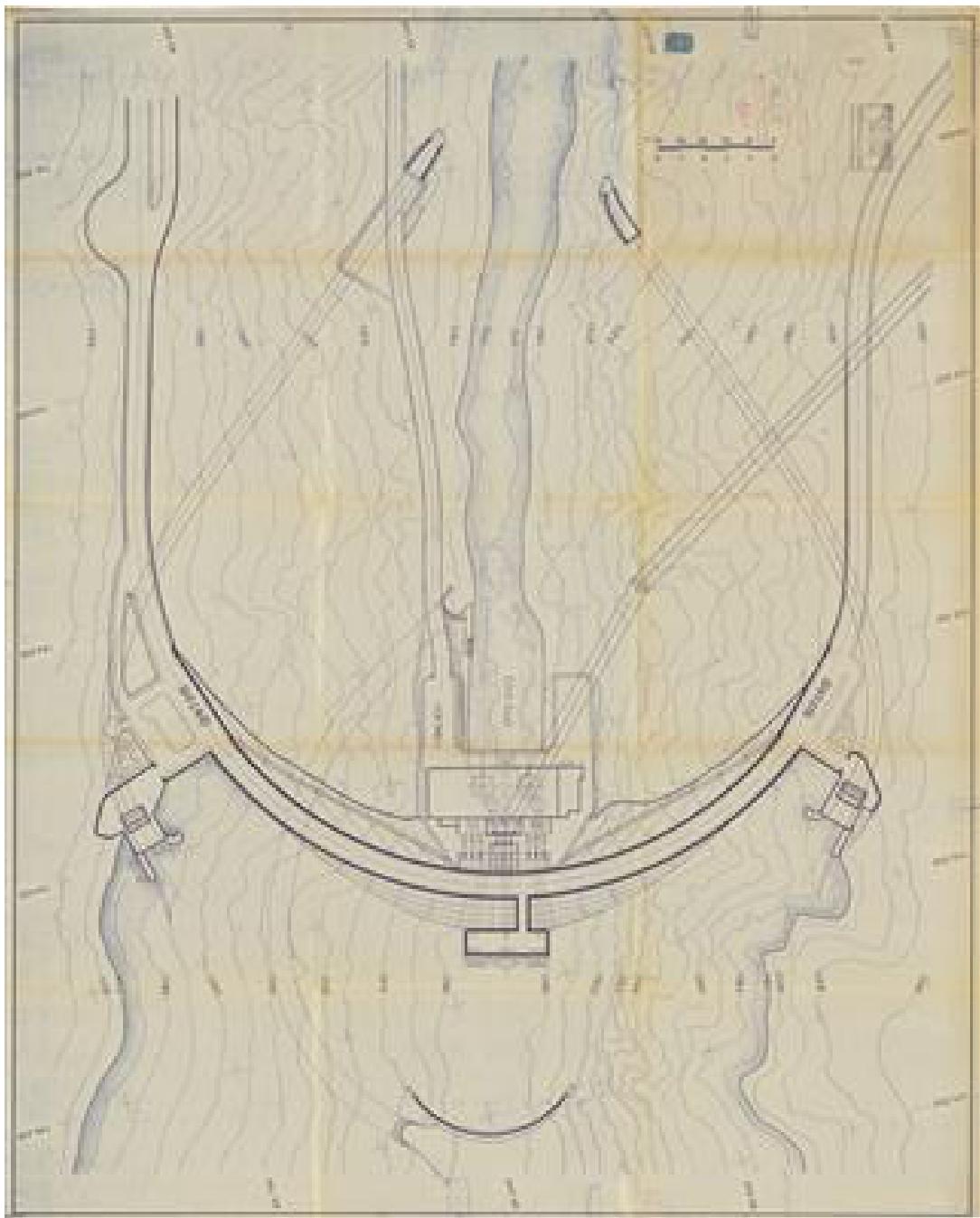


13. Brochura de Inauguração da Barragem do Cabril. 1954. Hidro-eléctrica do Zézere. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.

ESQUEMA DO APROVEITAMENTO DO RIO ZÊZERE



14. Esquema do aproveitamento do rio Zêzere. 1954. Hidro-elétrica do Zêzere. Fonte: Arquivo Municipal de Pedrogão Grande.

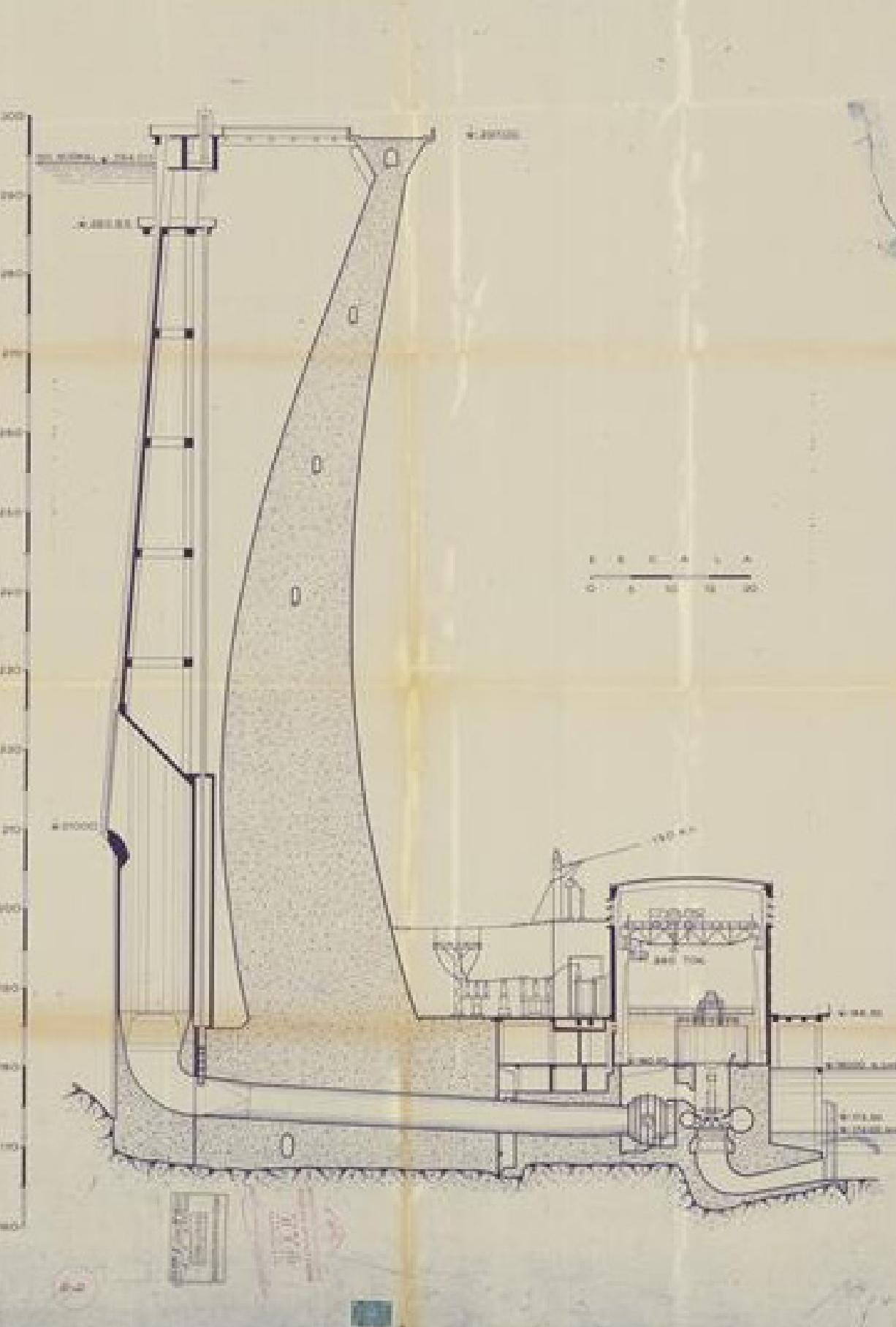


No que toca às florestas, o acesso das populações à água em caso de incêndio é mais fácil, mas as margens que outrora eram escarpas íngremes e zonas de pinhal agora encontram-se descaracterizados e assoreadas tendo perdido grande parte da sua biodiversidade. Até a possibilidade de irrigação dos territórios envolventes poderia ser uma mais valia se esta não fosse utilizada de uma forma excessiva na agricultura, cujo retorno à albufeira trás consigo contaminação derivada de pesticidas. Visto que se trata de um grande volume de água estagnada, a albufeira torna-se num local de decomposição de seres vivos, que constituem uma elevada libertação de metano para a atmosfera.

Para além da grande alteração no ecossistema e no clima, a barragem constitui desde logo uma barreira no fluxo natural do rio, que altera por completo o processo de migração, reprodução e sobrevivência de espécies aquáticas. O estado dos solos, tendo em conta a sua hidrografia superficial e subterrânea deixa de ser natural com a criação destas barreiras, e por isso, a sua remoção já éposta em causa. No caso da barragem do Cabril, a sua dimensão e a ligação que estabelecem entre concelhos são dois fatores que tornam a presença desta infraestrutura uma mais valia, contudo não invalida que a sua permanência no território não seja avaliada, por questões de segurança e objetivos ambientais.

Devemos deixar os rios correr?

15. Desenhos Técnicos da Barragem do Cabril - planta.
Fonte: Arquivo EDP.



Os desenhos técnicos da barragem cedidos pela EDP, nomeadamente a planta que secciona uma cota ligeiramente acima da estrada nacional 2 e a secção vertical sobre a estrutura e edifício da barragem, permitem-nos perceber a escala e imponência desta obra. A planta demonstra a vista superior da parede da barragem que permite ao longo de 290m de estrada -EN2- a comunicação e acesso a ambos os sentidos, o pequeno dique usado para retenção das águas do rio durante a construção, os túneis de descarga e respetivas bocas e ainda a estação de transformação para a rede elétrica distribuída pelos cabos de alta tensão. A secção por sua vez, mostra-nos a parede abobadada da estrutura em betão com uma altura de 136m, o túnel de entrada de água com as suas turbinas subterrâneas debaixo da sala dos geradores e em vista a estação de transformação de energia hidroelétrica entre a parede da barragem e o edifício de controlo.

16. Desenhos Técnicos da Barragem do Cabril - corte Transversal.
Fonte: Arquivo EDP

Durante a construção surgem vários edifícios temporários, novas acessibilidades são criadas e paisagens são alteradas. No caso da barragem do Cabril, a sua construção resultou numa marca de subtração no terreno, a pedreira, de onde foi extraída a pedra para a estrutura. Após ser extraída, era transportada para uma cota inferior, para os estaleiros da barragem, que se localizavam na encosta do vale. Neste local, a pedra era transformada em brita para a produção do betão.



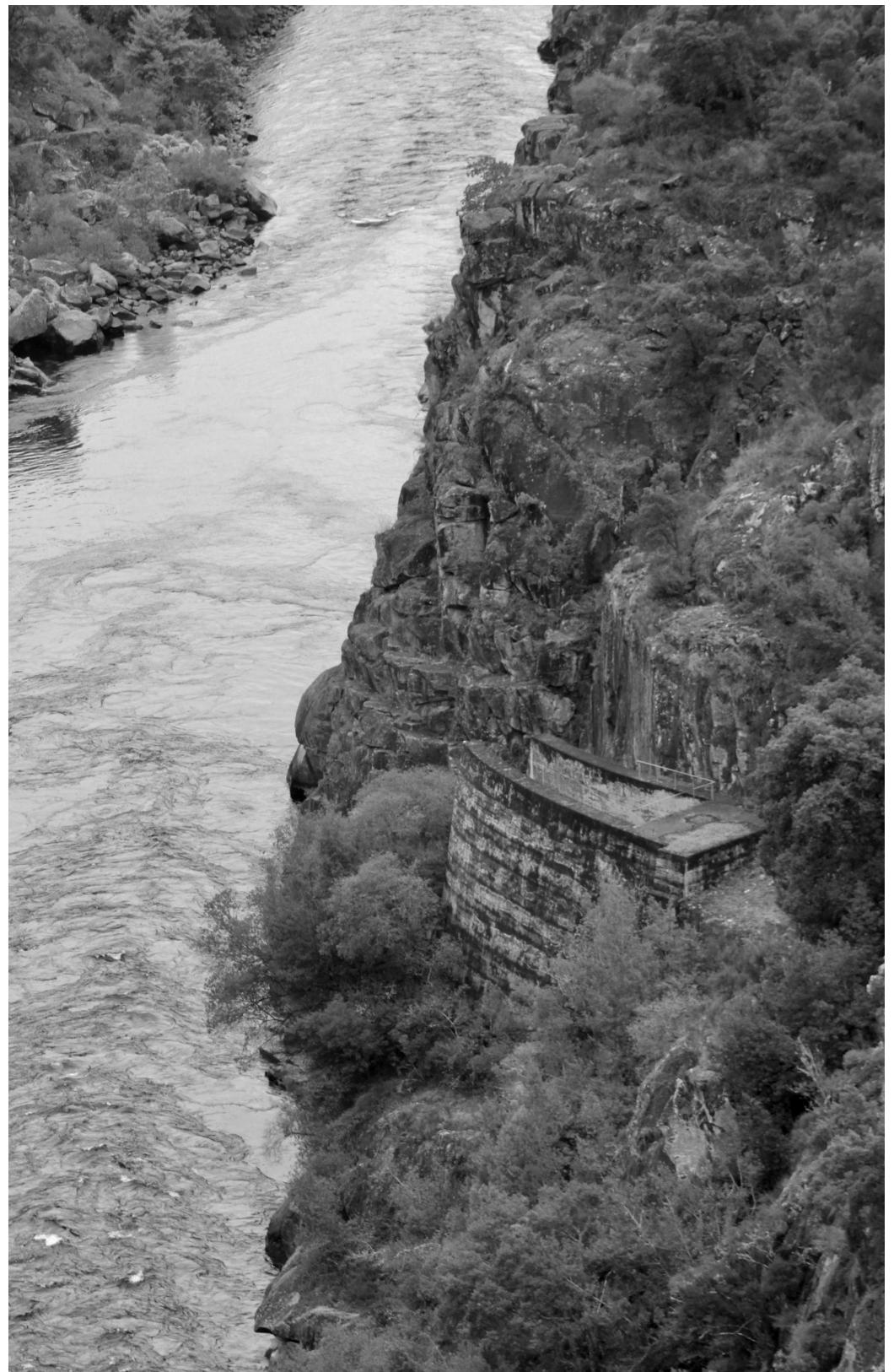


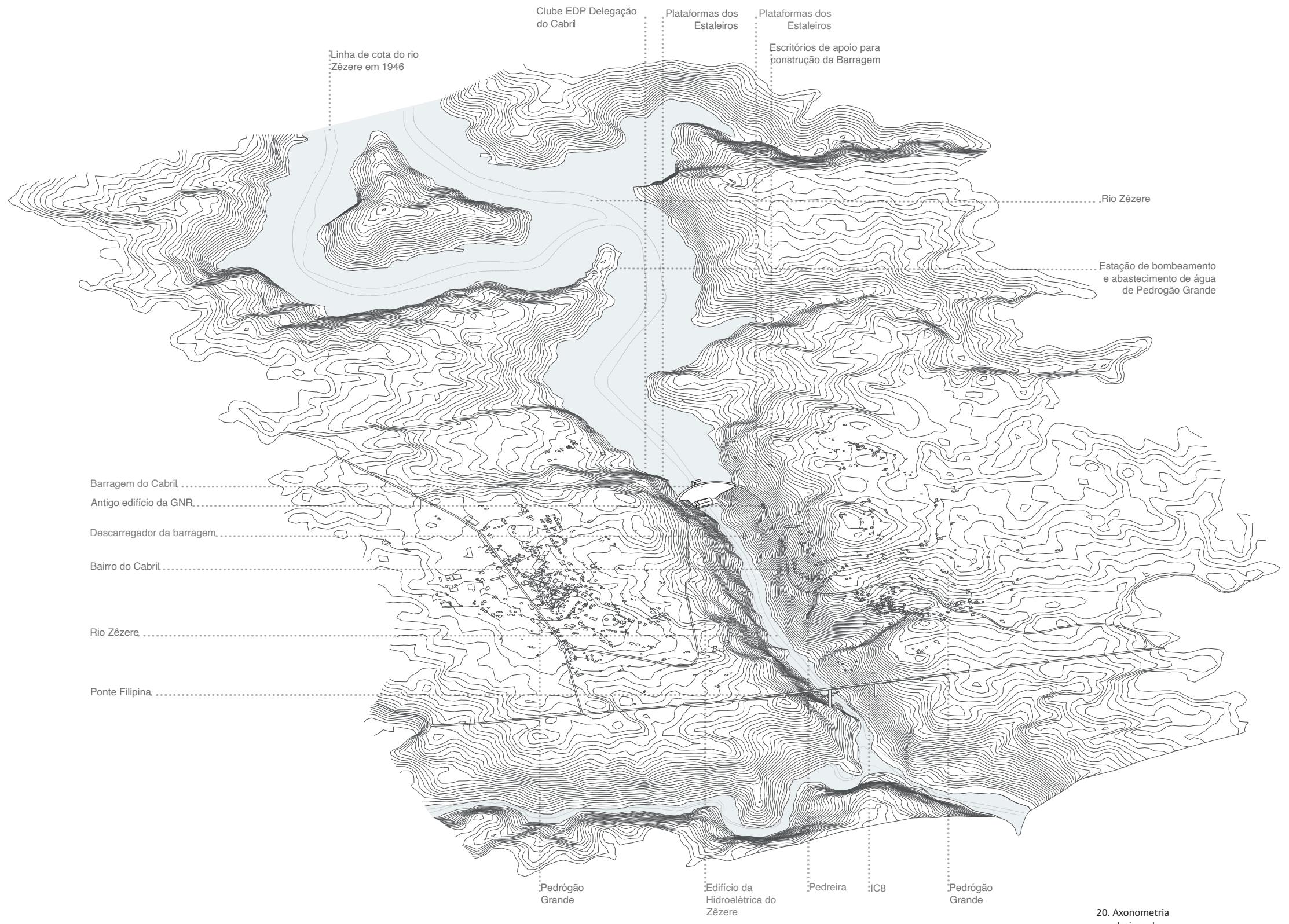
© Atelier Na Margem

Uma infraestrutura como uma barragem, reúne um elevado número de trabalhadores, como tal foi desenhado um alojamento em Pedrógão Pequeno, o bairro do Cabril. Ao lado da barragem foi construído um edifício usado para controlo da albufeira do Cabril, o edifício da GNR.

A barragem redesenhou o vale e a forma como este era atravessado. Anteriormente à sua construção, a única forma de o fazer era através da Ponte Filipina. Atualmente, o atravessamento também é possível ser feito pelo IC8, uma via que veio aproximar os municípios. Desta forma, a N2 tornou-se numa via mais calma e com menos tráfego.

17. Edifício da GNR
18. Bairro do Cabril
19. Descarregadores





20. Axonometria
da área de
estudo.



21. Vale do Zêzere antes de construção da Barragem do Cabril. Panorâmica a jusante. Revista Hidroeléctrica do Zêzere de 1962. CMPG.

22. Rio Zêzere e construção do dique da Barragem do Cabril. Fonte: poster da Exposição da Barragem de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.



23. Rio Zêzere e construção do dique da Barragem do Cabril. Fonte: poster da Exposição da Barragem de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.







24. Rio Zêzere e construção dos túneis de evacuação de cheias da Barragem do Cabril. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
25. Barragem do Cabril - vista da margem esquerda. Observando-se os blocos mais altos da barragem estão já ao nível do coroamento. Fonte: Brochura da Barragem do Cabril de 1960. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
26. Barragem do Cabril -montagem das condutas forçada. Fonte: Poster da Exposição da Barragem de 2014. Arquivo Municipal de Pedrógão Grande.
27. Na página seguinte: Trabalhadores da barragem.







„HEZ“
CENTRAL
DO CABRIL
1954





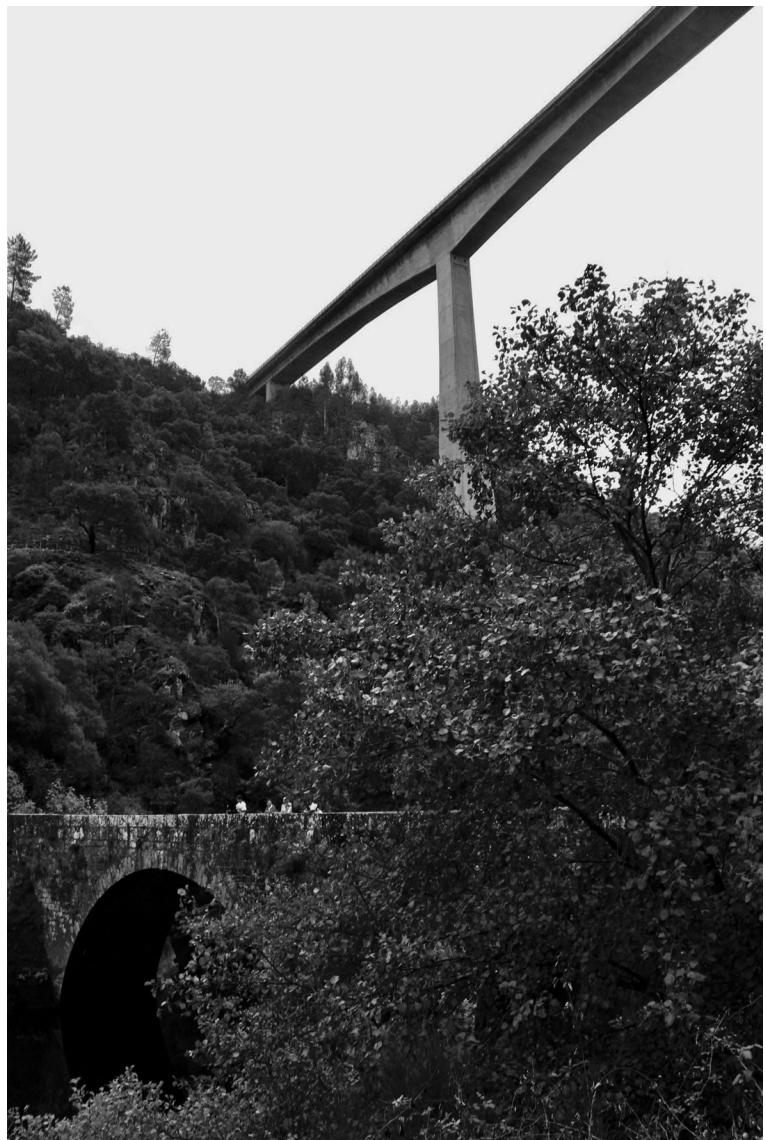
28. Guimarães Joaquim.
(31 de março de 2024).
Barragens e Albufeiras
de Portugal. Barragem de
Cabril. Anos 50. Facebook.
<https://www.facebook.com/groups/386168711847871/>
user/100000758828640/?lo-
cale=pt_PT

29. Guimarães Joaquim.
(31 de março de 2024).
Barragens e Albufeiras
de Portugal. Barragem de
Cabril. Anos 50. Facebook.
<https://www.facebook.com/groups/386168711847871/>
user/100000758828640/?lo-
cale=pt_PT

30. Bairro do Cabril- habita-
ções unifamiliares para os
trabalhadores com família,
Pedrógão Pequeno 1953.
Fonte: ACMPG.







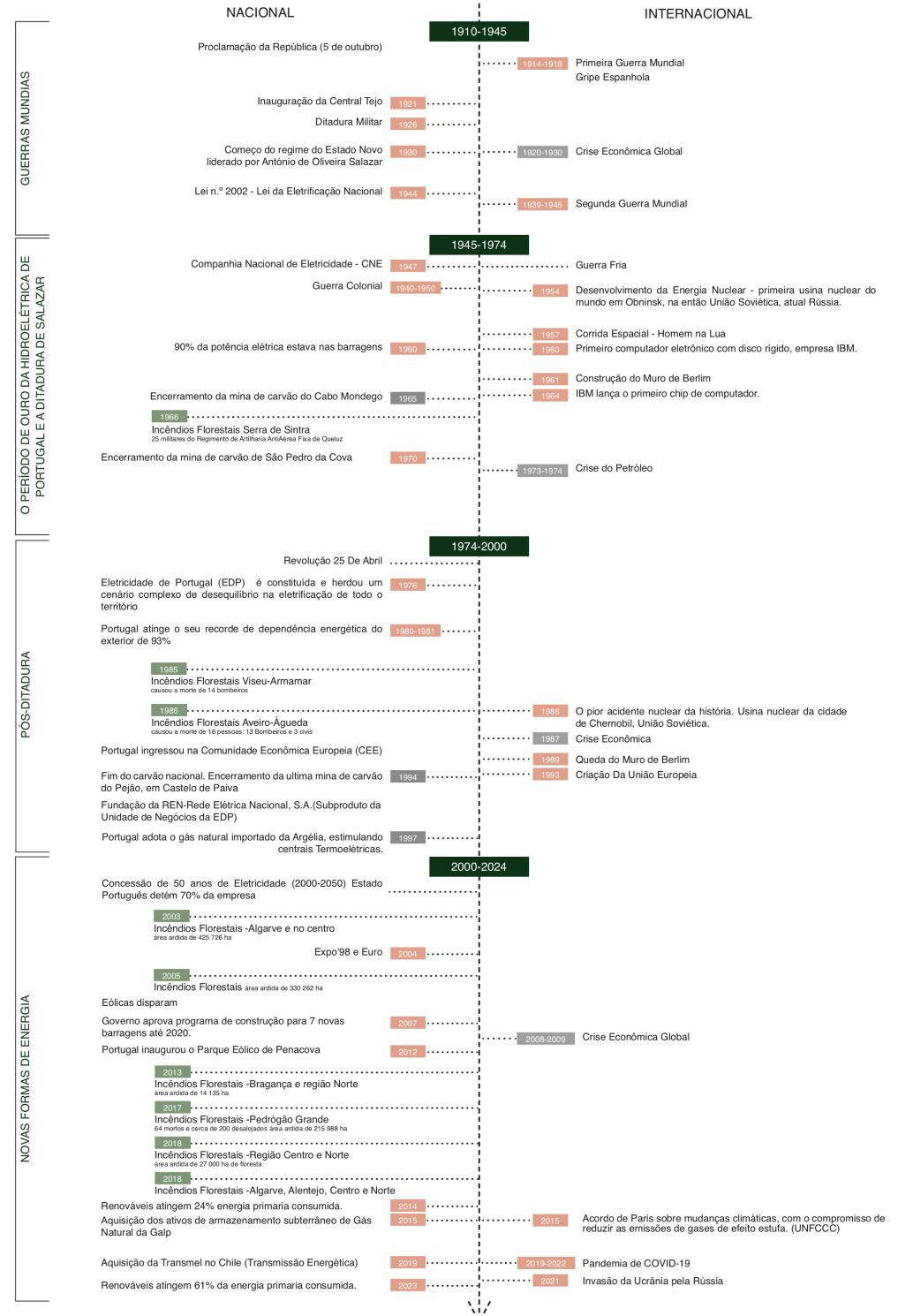






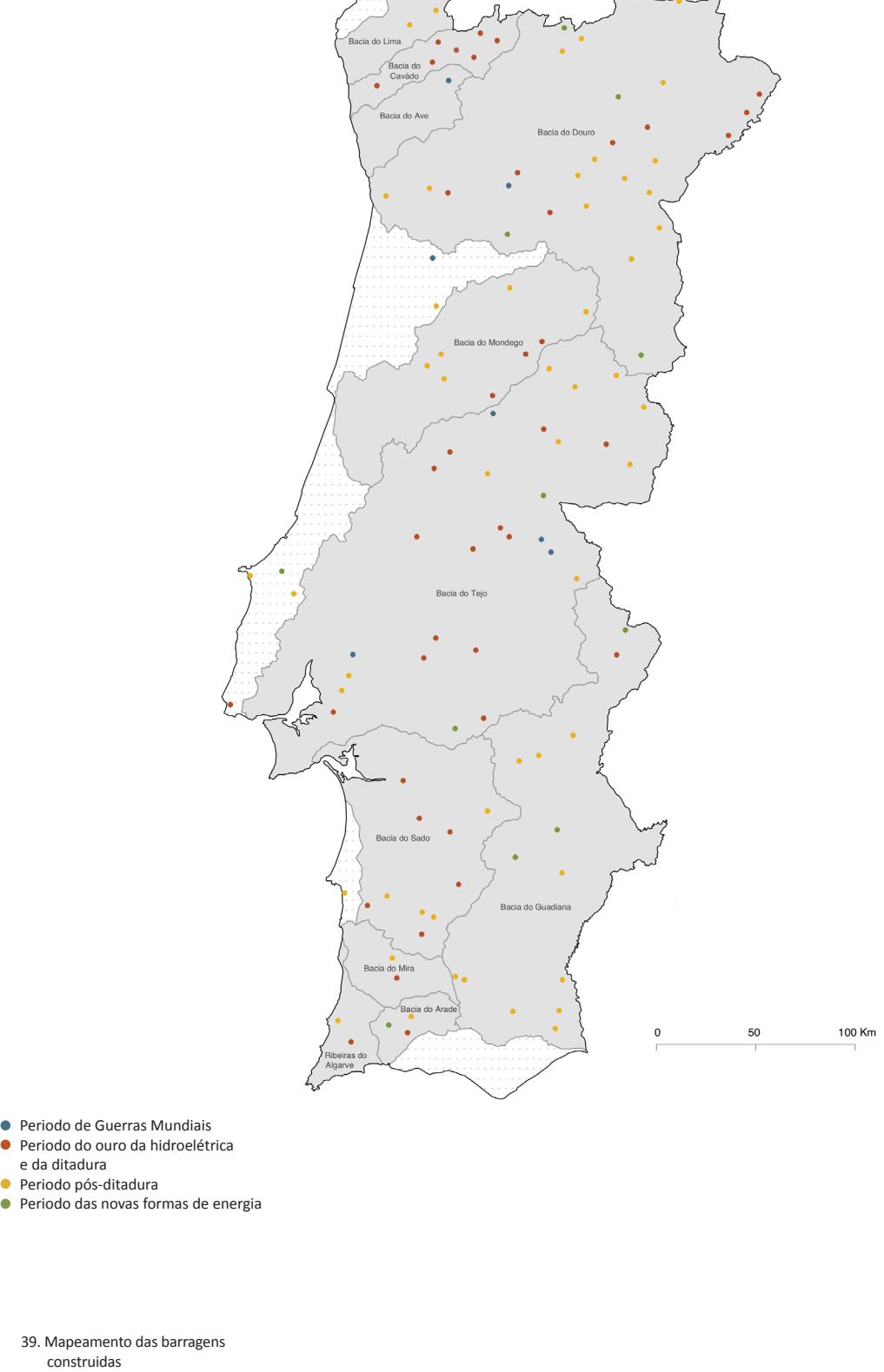


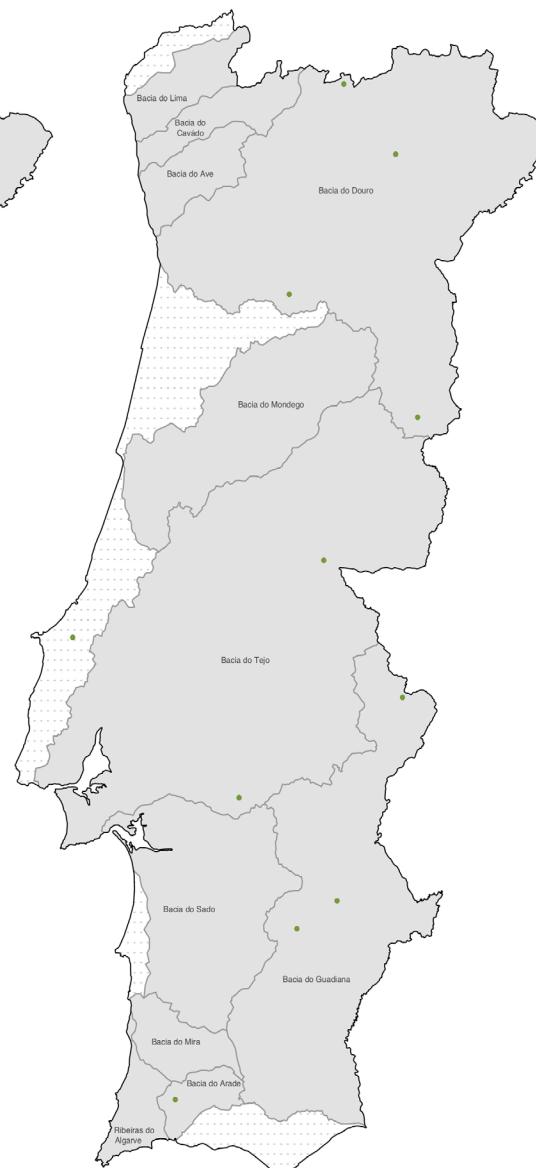
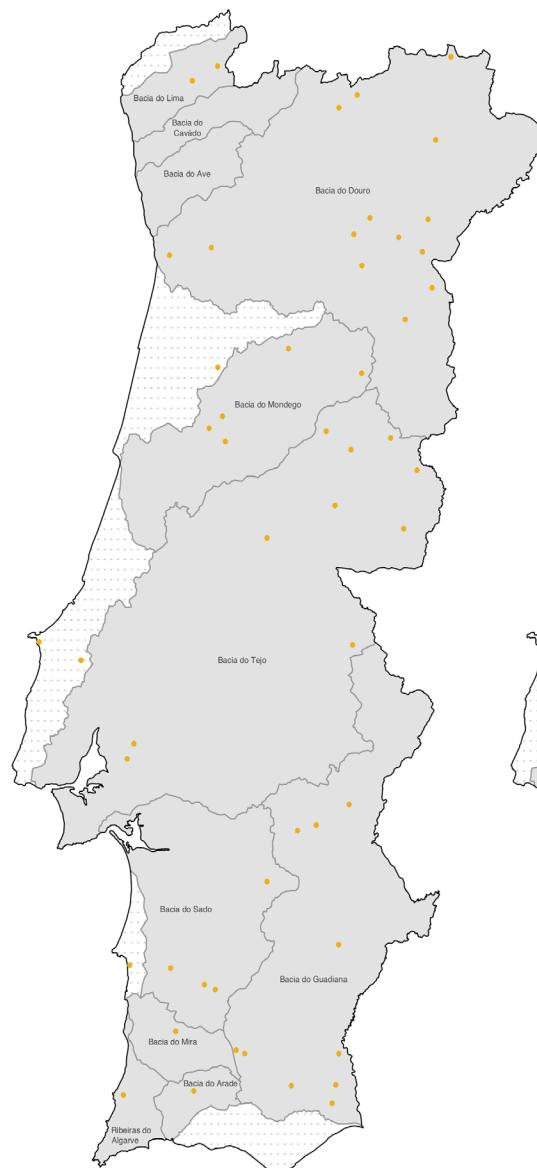
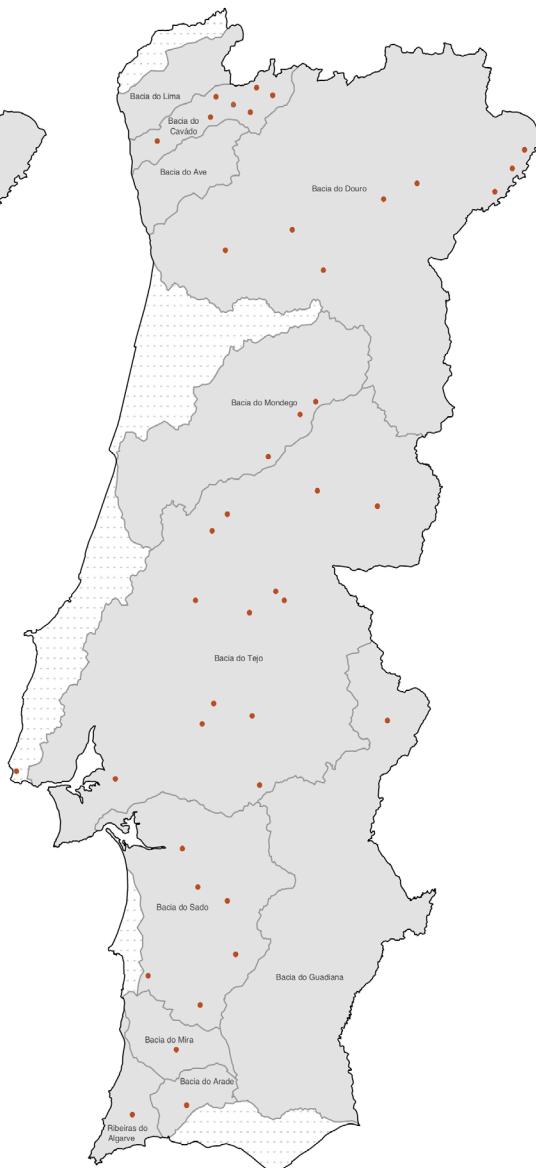
1. Cronologia Histórica



2. Mapeamento

A bacia hidrográfica do Tejo, da qual faz parte a barragem do Cabril, apresenta-se como a maior zona de exploração hidroelétrica no país, possuindo o maior número de barragens construídas. A grande maioria destas barragens foram construídas no período de ouro da hidroelétrica e da ditadura, em Portugal. Foi a partir do período da ditadura, que a política hidro-elétrica começou a tornar-se uma nova forma de demonstração de poder, através da implementação e do investimento em novas políticas da água.

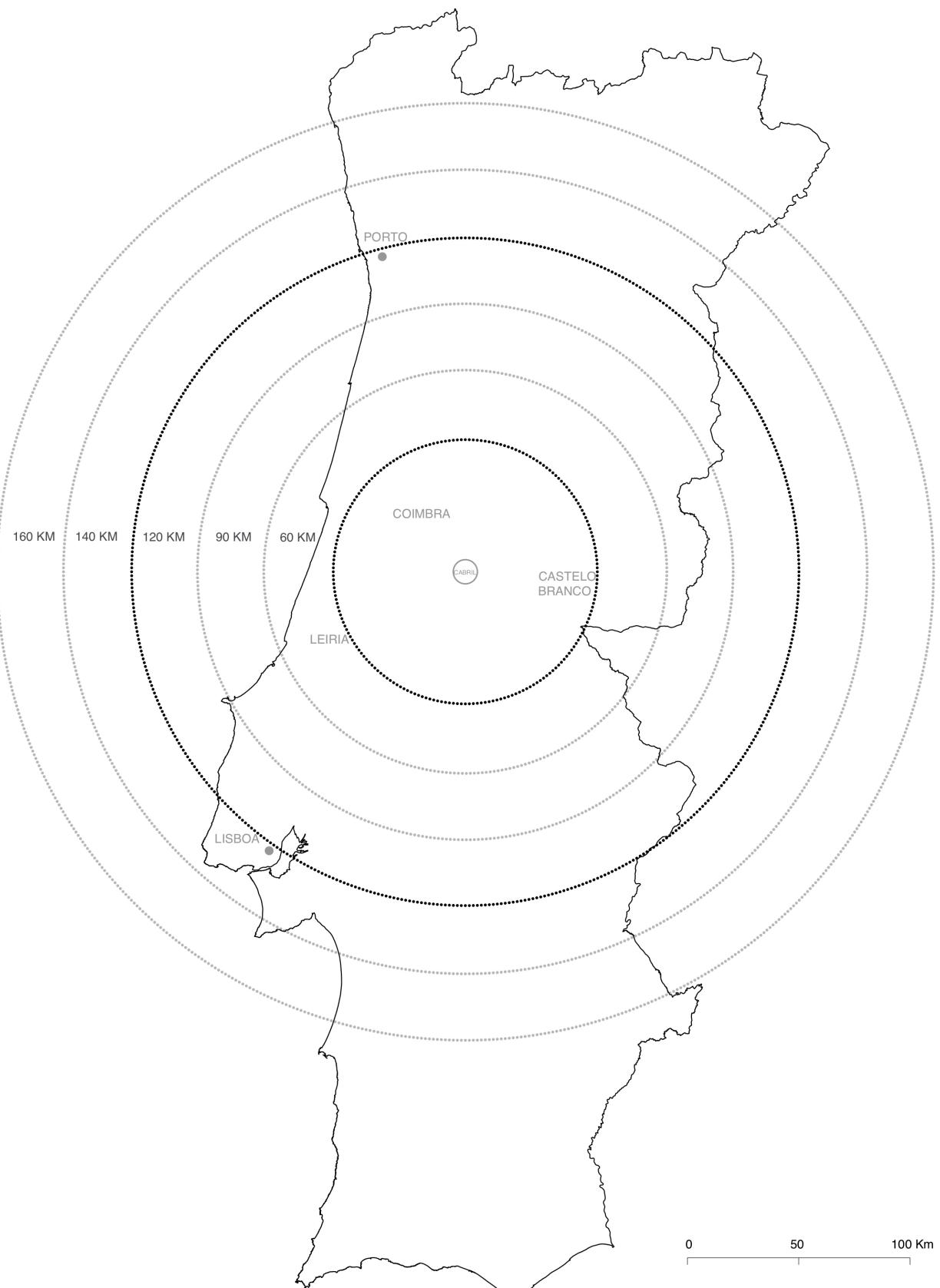
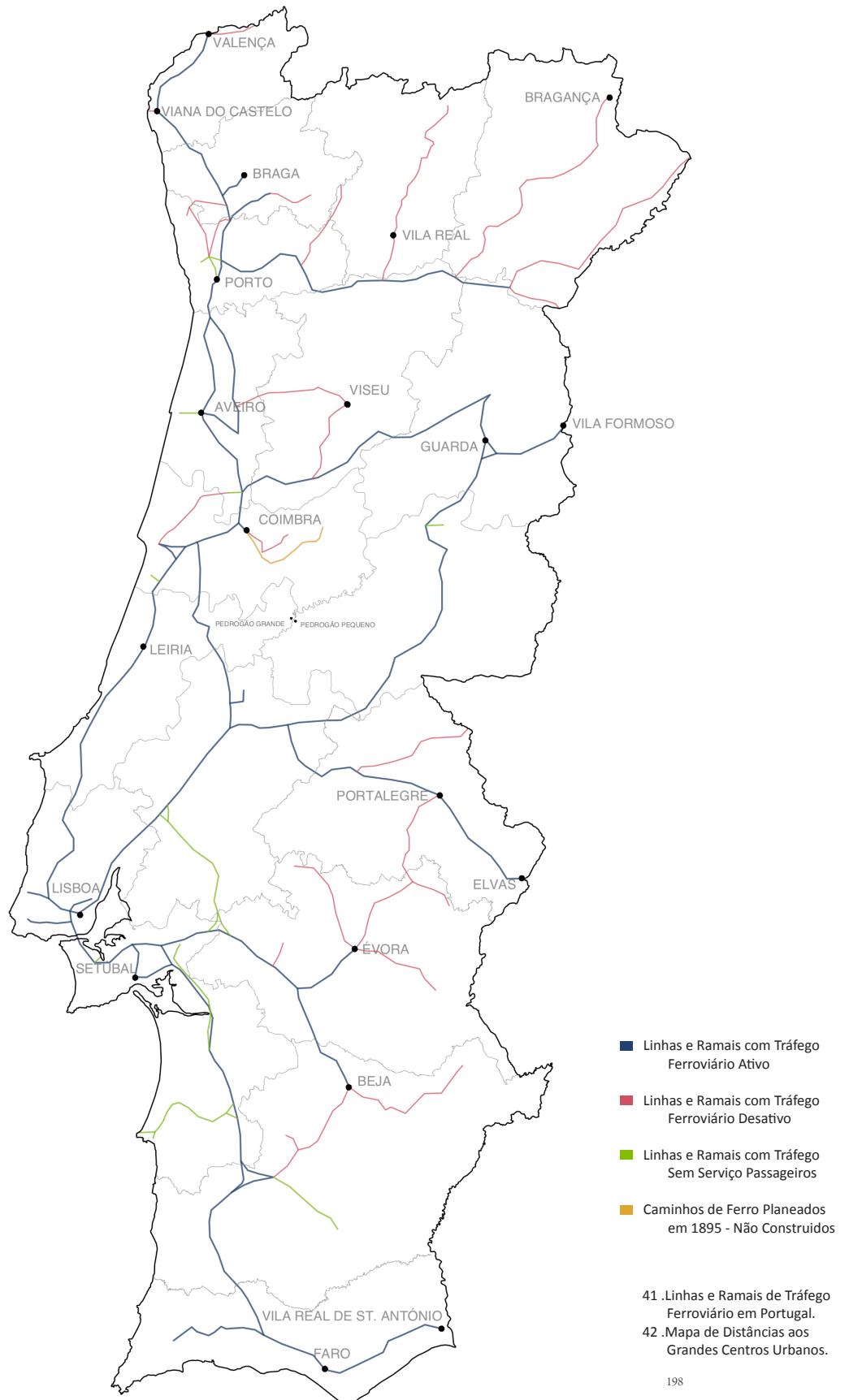




O território em análise, onde se encontra a barragem do Cabril encontra-se bastante isolado dos centros urbanos, estando apenas conectado aos mesmos, através de via automóvel. Apesar de ter sido planeado um ramal de linha férrea, que ligaria Arganil a Coimbra, este nunca foi construído. A sua existência iria potenciar a proximidade do Cabril ao centro urbano mais próximo, Coimbra, e assim encorajava também as potenciais ligações a outros centros urbanos a partir da mesma.

- Período de Guerras Mundiais
- Período do ouro da hidroelétrica e da ditadura
- Período pós-ditadura
- Período das novas formas de energia

40. Mapeamento das barragens construídas em Portugal por período

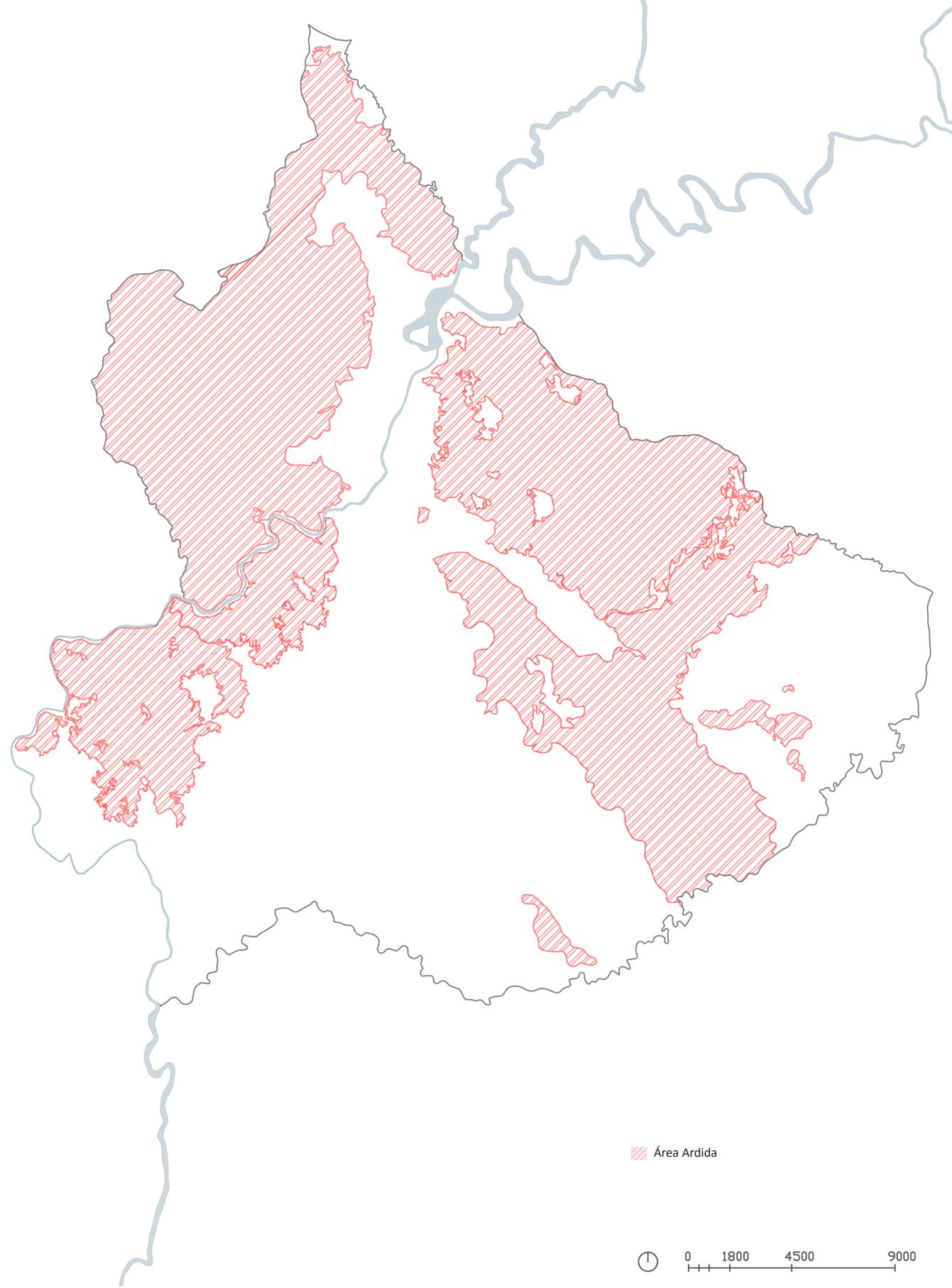




0 50 100 Km

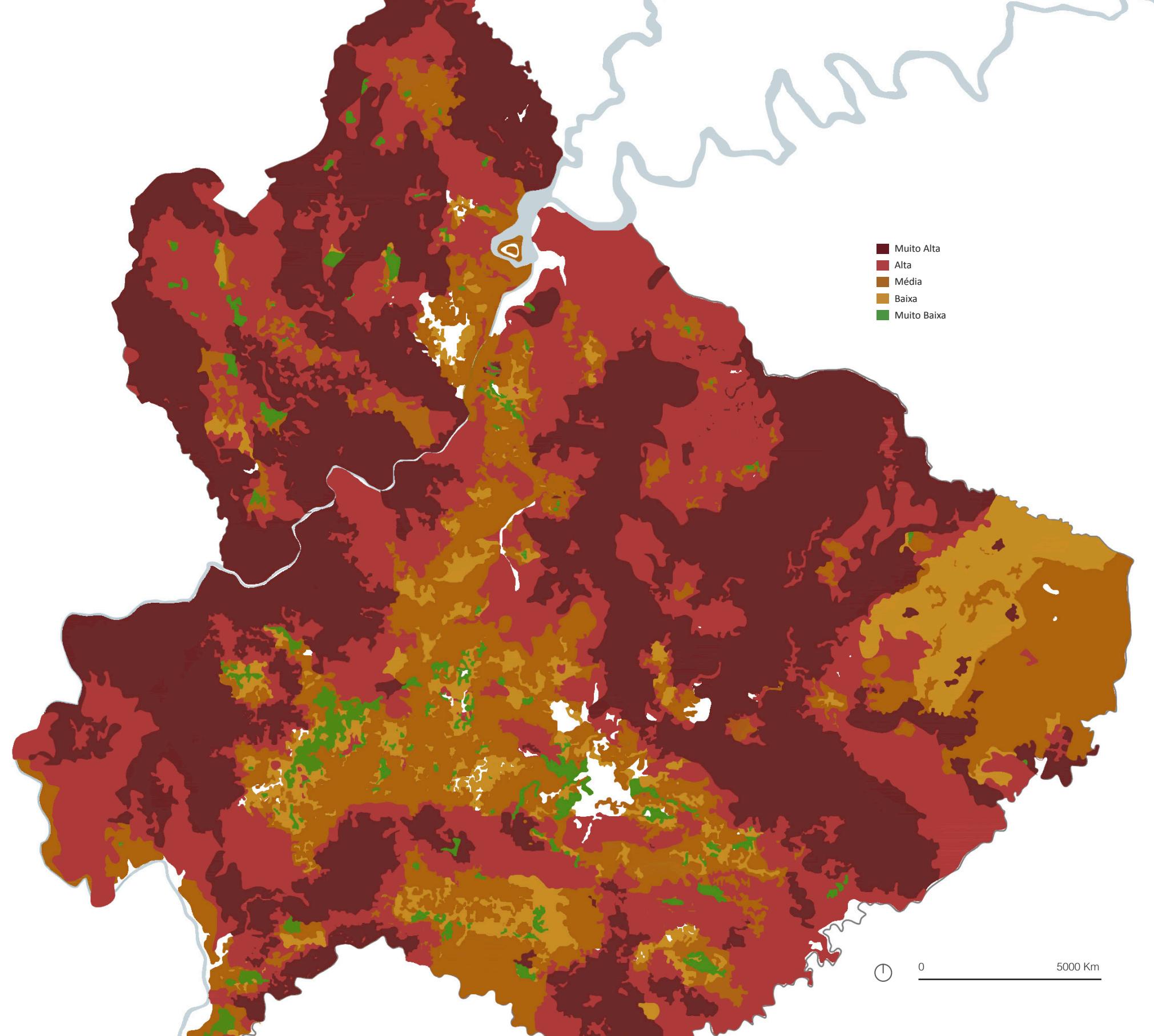


43 e 44 Mapa de localização
da área de estudo.

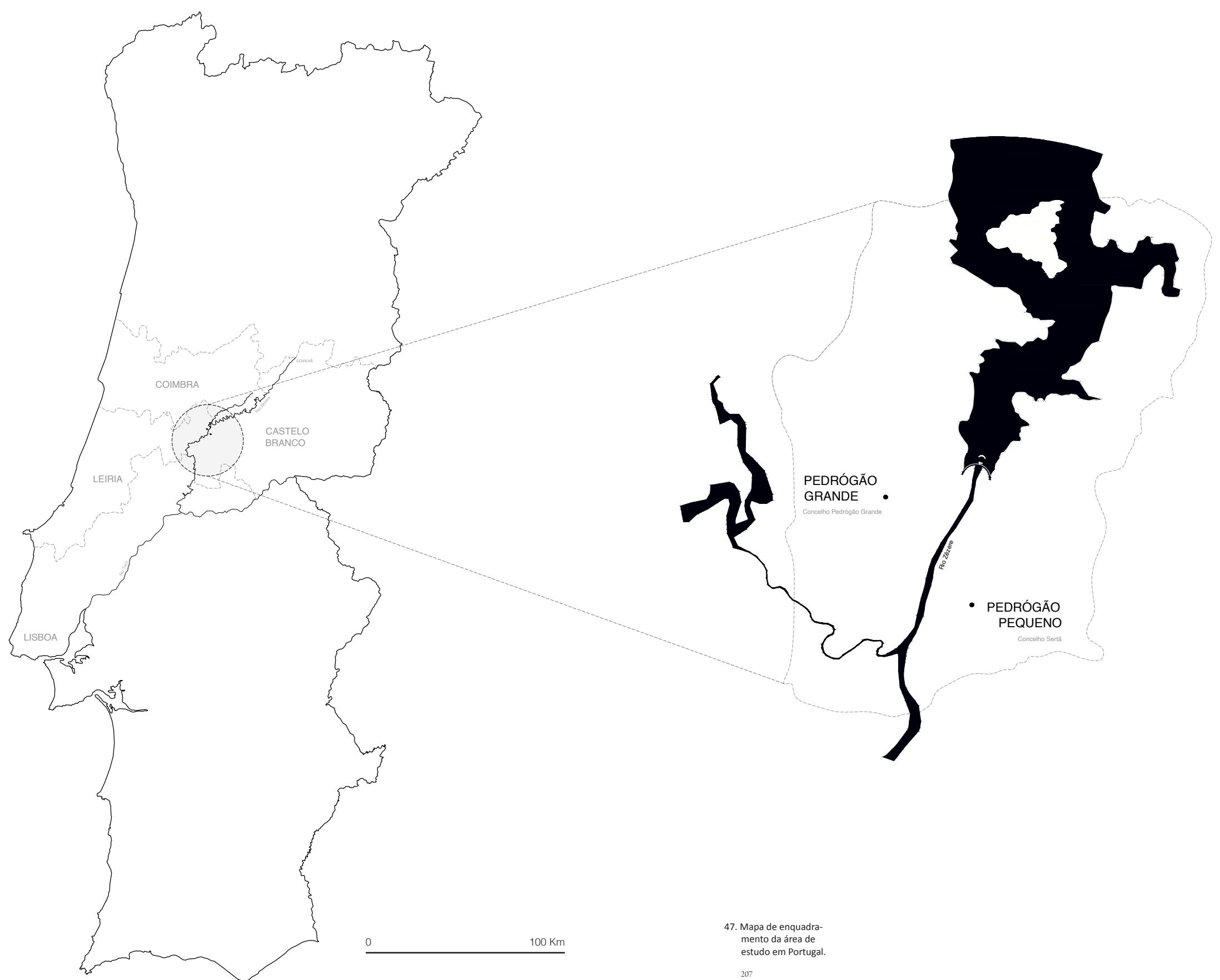


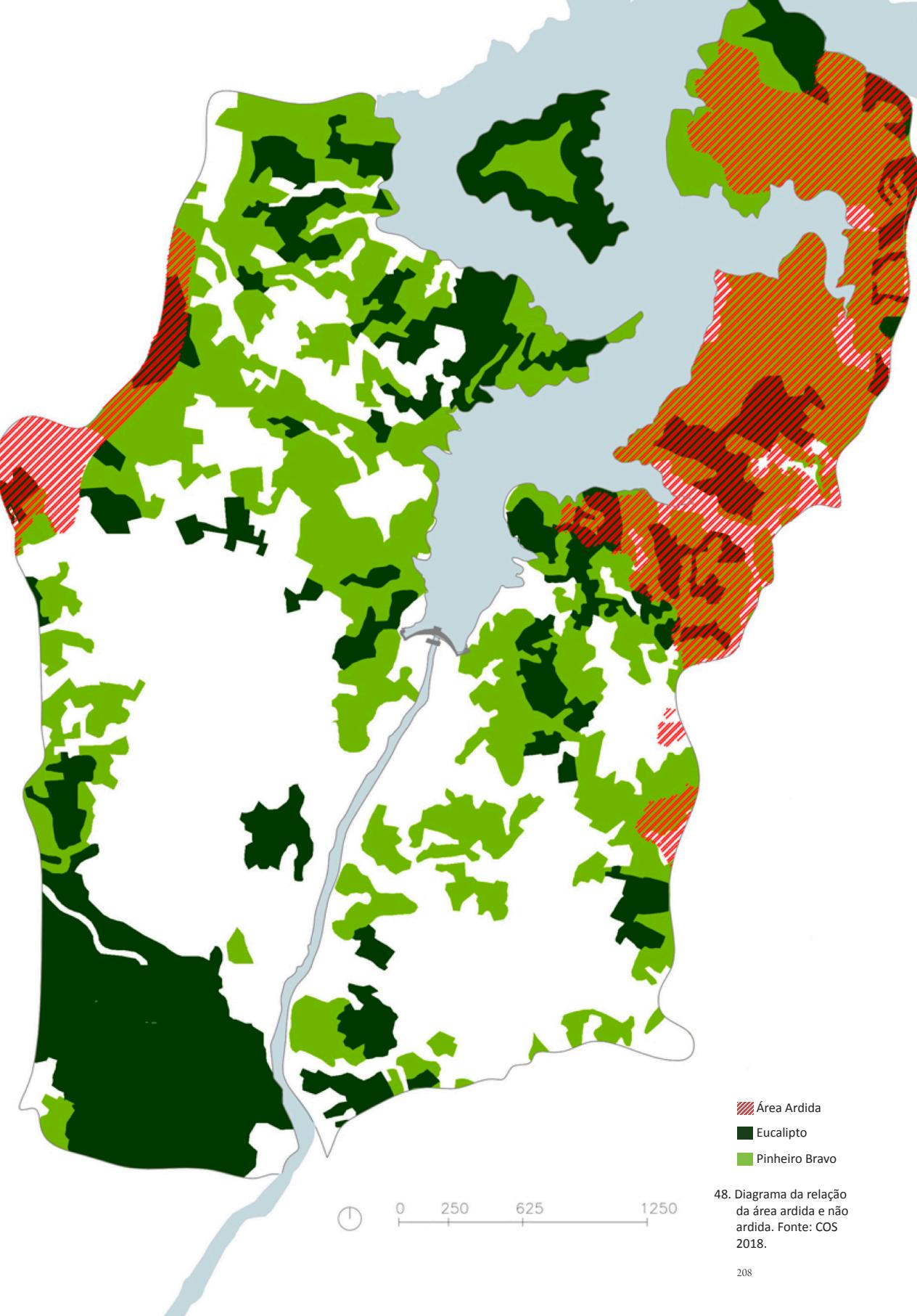
Em 2017, nos meses de Julho e Outubro, os maiores incêndios a que Portugal já assistiu devastaram uma grande parte dos municípios de Pedrogão Grande e Sertã, a que correspondem mais de 56 000 hectares ardidos e que provocaram mais de 100 mortos. Passados 6 anos, o risco de incêndio em território rural mantém-se elevadíssimo e classificado como risco alto ou muito alto. Apenas em zonas junto a cursos de água ou localidades, com vasto edificado, observamos risco baixo ou muito baixo, atendendo ainda que estas áreas não representam nem um quinto do território. Não foram tomadas medidas preventivas significativas que possam evitar a repetição das catástrofes de 2017. A proporção de área ardida é muito superior em comparação à do limite da área de estudo, correspondendo quase à totalidade da área do concelho de Pedrogão Grande, onde apenas o tecido de malha urbana foi poupado, e cerca de metade do concelho da Sertã.

45. Área Ardida Municipal, Pedrogão Grande e Sertã (2017). Fonte: COS2018.



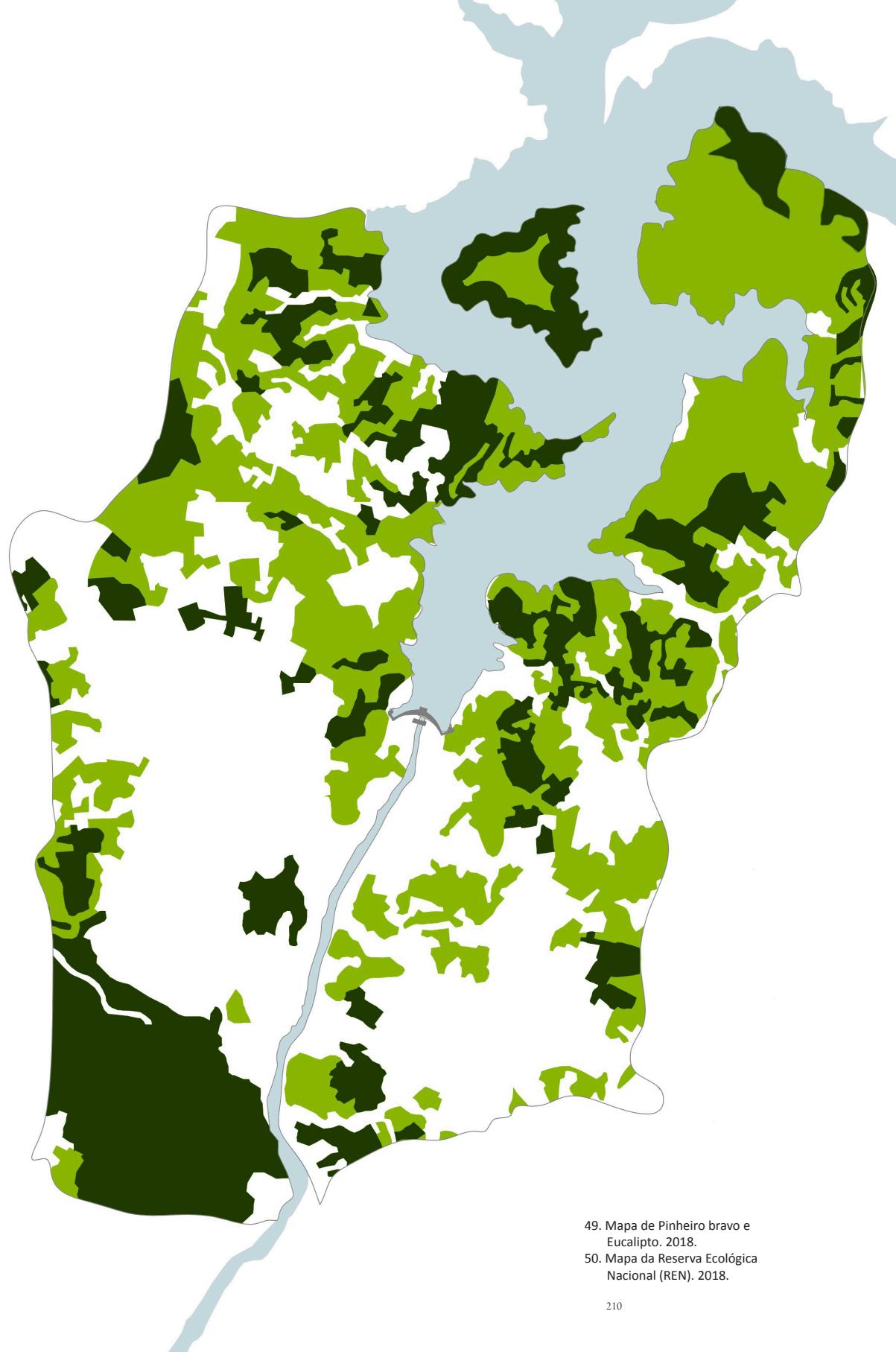
46. Risco de Incêndio (2023).
Fonte: COS2018.





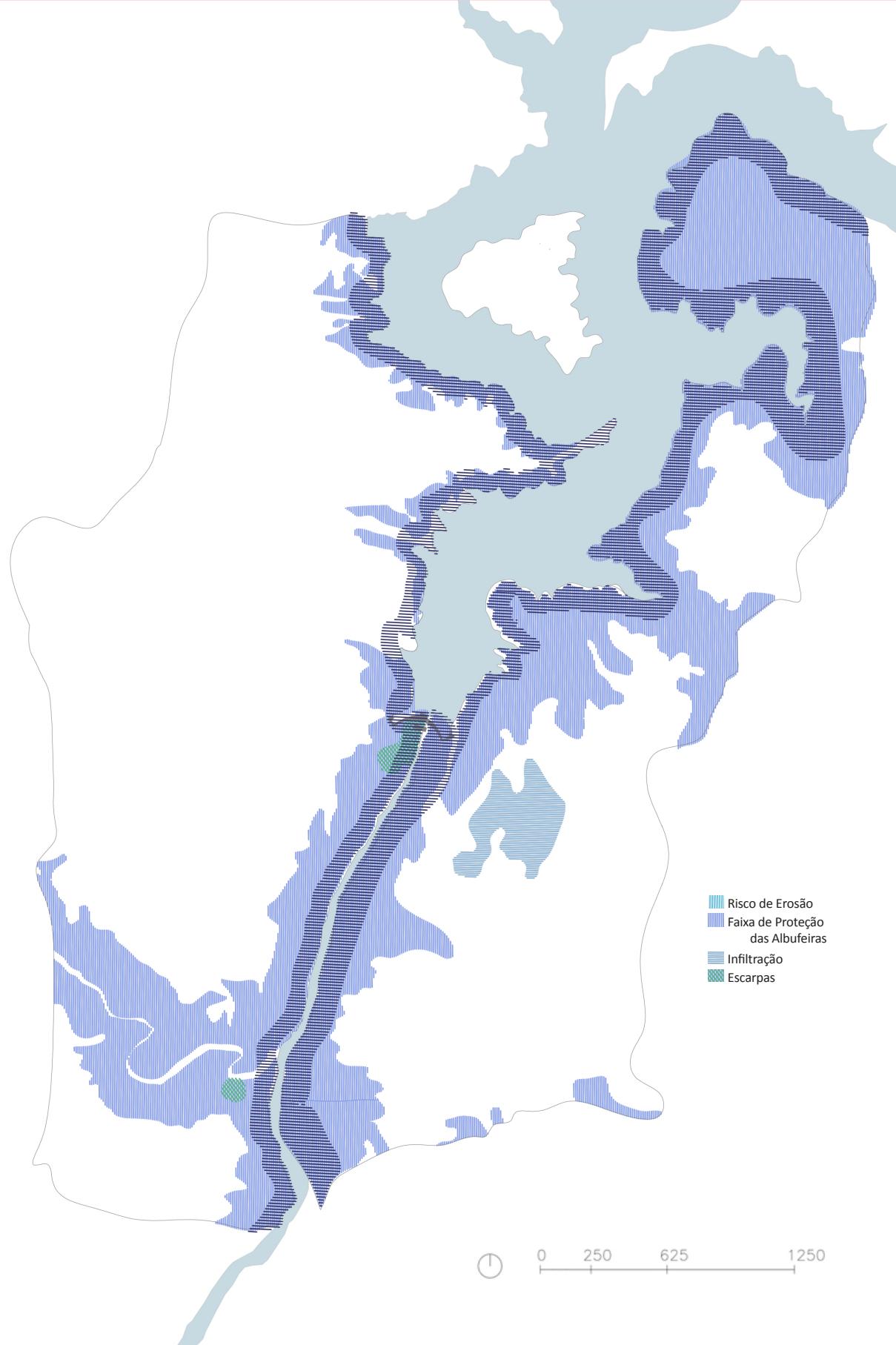
A ferocidade destes incêndios atingiu em grande parte os territórios nortes de ambas as freguesias. Uma vasta área classificada como Reserva Ecológica Nacional em Pedrógão Pequeno e uma área menor na freguesia de Pedrógão Grande. Em ambas, a área ardida corresponde predominantemente à área de plantação de eucaliptos e pinheiro-bravo. A propagação descontrolada destas espécies, proporciona um perigo iminente perante os incêndios, nomeadamente pelo seu fácil alastramento e pela libertação e projeção de fagulhas incandescentes que alcançam largas distâncias. O Eucalipto em específico, sendo considerado uma espécie invasora à escala nacional, é a maior ameaça atual para um ecocídio. Como é possível, tendo em conta os fogos de grande impacto de 2017, o risco de incêndio manter-se tão elevado? Após um dos incêndios mais mortíferos e destruidores do território nacional, não houve planeamento de território nem ações de prevenção.

É indignante um território que observámos ser queimado vivo há menos de uma década, hoje ter exatamente o mesmo descuido, os mesmos hábitos potencialmente perigosos e principalmente a mesma desvalorização alarmante por mudar o território do interior de Portugal. Um território que se continua a caracterizar pelas incessantes explorações e plantações de monoculturas que constantemente limitam a biodiversidade, secam terrenos e que em caso de incêndio atuam como proliferadores de fogo. Enquanto em sociedade o pensamento antropoceno se manter e a natureza for escrava para todos os caprichos do Homem, não haverá mudança possível e continuaremos a potencializar um futuro perigoso para todos.



49. Mapa de Pinheiro bravo e Eucalipto. 2018.
50. Mapa da Reserva Ecológica Nacional (REN). 2018.

210

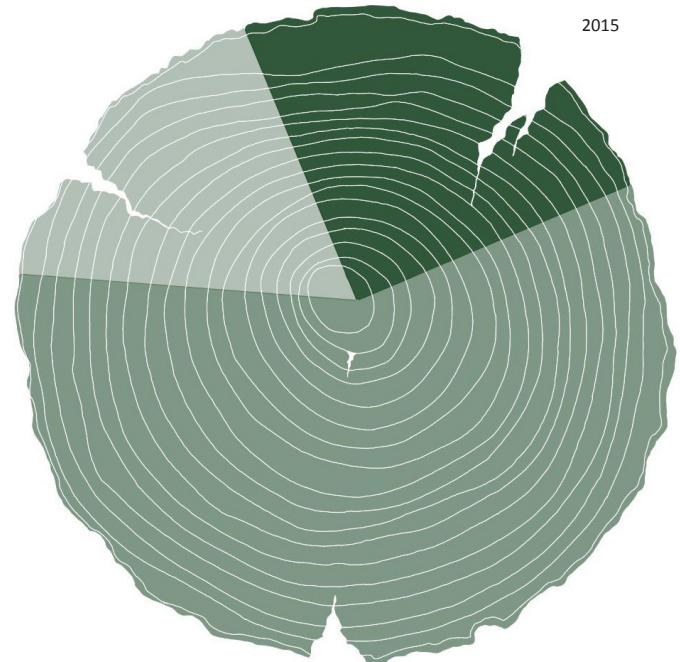


0 250 625 1250



1955

- Área ardida nos municípios
- Área municipal não ardida
- Espécies invasoras
- Espécies autóctones
- Outras espécies



2015

51. Diagrama da relação da área ardida e não ardida. Fonte: COS 2018.w
52. Diagrama da relação da existência de espécies invasoras em relação às autóctones - 1955. Fonte: COS 1955.
53. Diagrama da relação da existência de espécies invasoras em relação às autóctones - 2015. Fonte: COS 2015.

4. O espaço florestal de produção corresponde a zonas, não inseridas na Reserva Ecológica Nacional, ocupadas por povoamentos florestais dominados por pinheiro-bravo ou eucalipto e com fins de exploração intensiva.
5. Portugal, R. e T. de. (2015, November 11). Eucalipto, a árvore que reina sobre a floresta nacional. Eucalipto, a Árvore Que Reina Sobre a Floresta Nacional. https://www.rtp.pt/noticias/incendios-2015/eucalipto-a-arvore-que-reina-sobre-a-floresta-nacional_es86992



Área ardida

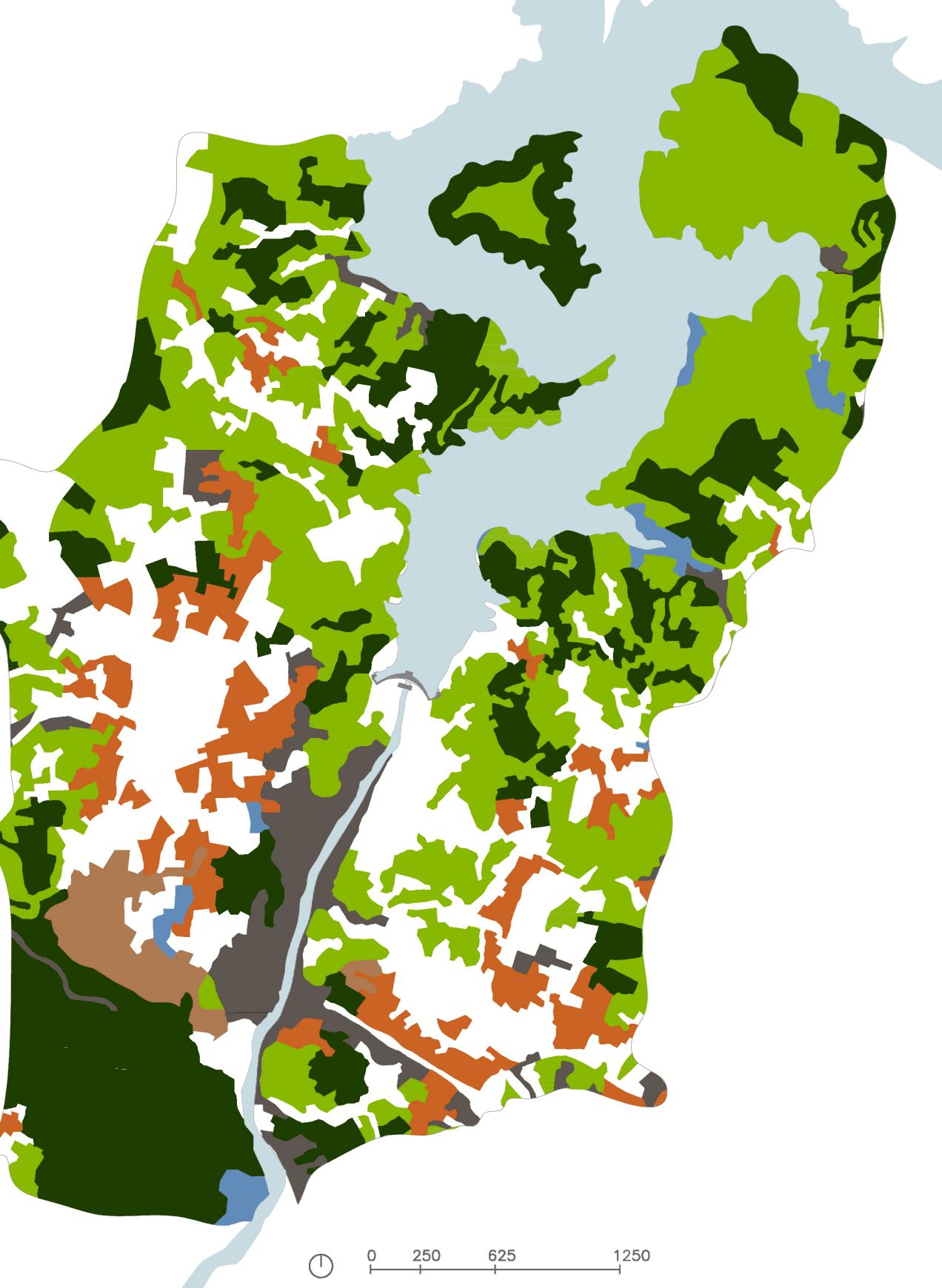
A prática de agricultura, uma das atividades centrais e que faz parte da herança histórica e cultural deste território, está gradualmente, a ser abandonada, e os lugares que eram por ela ocupados, substituídos por grandes espaços florestais de produção⁴. A expansão em massa destes lugares, detidos por proprietários privados⁵ que muitas vezes, não efetuam uma boa gestão dos terrenos que possuem, contribui para a degradação da paisagem rural. Se for efetuado um rácio entre espécies invasoras e autóctones no território ao longo dos últimos 30 anos, conclui-se que o aumento do número das invasoras é irrefutável. Em 1995 havia 8594

hectares de espécies invasoras. Em 2015 esse número quase que duplicou, constituindo 15906 hectares de floresta. Em relação às espécies autóctones, existiam em 1995, 46220 hectares, sendo que em 2015 esta área reduziu para 38710 hectares.

Em 2017, nos grandes incêndios de Pedrógão Grande, a área ardida atingiu os 26827 hectares. Passados 7 anos este território ainda não se conseguiu reestruturar, mostrando ainda uma grande prevalência das espécies invasoras.



As plantações de Pinheiro-Bravo e Eucalipto ocupam uma grande mancha florestal no território destas freguesias e caracterizam fortemente a encosta do rio que os separa. A Reserva Ecológica Nacional, que pretende resguardar estas mesmas áreas envolventes do rio, para uma preservação e saúde eficaz do mesmo, acaba por ser comprometida negativamente quando estas espécies são plantadas ou invadem o seu território. O Pinheiro-Bravo e o Eucalipto cobrem densamente esta área, provocando um efeito tampão que impede a infiltração e propagação da água nos solos, limitando a biodiversidade na sua área de ocupação como nos restantes terrenos que as envolvem. O que é natural e desejável para qualquer faixa de proteção das albufeiras é a existência de galerias ripícolas, constituídas por espécies como freixos, amieiros e salgueiros. O des controlo destas espécies perante o território é uma reflexão do abandono por parte da população nestas zonas do país. É a substituição alarmante e feroz de espécies autóctones ou plantações que demoram décadas a crescer, por produções de monoculturas para um lucro rápido.

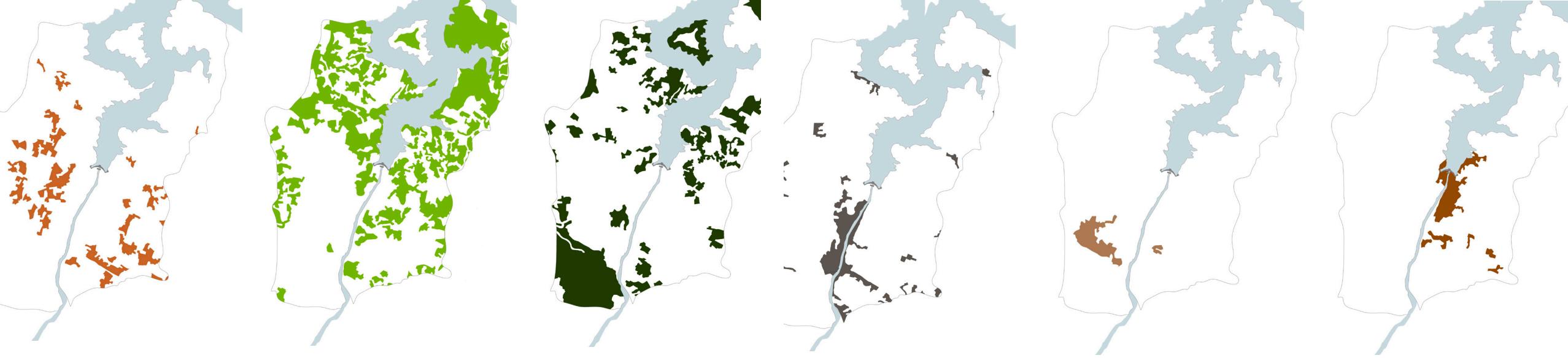


A presença destas espécies nesta área justifica-se pelo seu maior retorno financeiro. A plantação de um eucalipto em Portugal consegue gerar um pequeno rendimento aos proprietários ao fim de apenas 10 anos desde a primeira plantação, enquanto que a plantação de um sobreiro, por exemplo, apresenta um tempo de crescimento muito mais lento, que pode chegar aos 25 anos.

O progressivo despovoamento deste território leva a que haja, deste modo, uma mudança na mentalidade dos proprietários, que antes decidiam plantar uma árvore que apenas iria gerar rendimento aos seus filhos ou netos, mas que dada a situação de desertificação do território, optam antes por plantar espécies que lhes dêem um lucro mais rápido. Passamos então de uma cultura de plantação de árvores geracionais, para a plantação de meros espaços de produção.

- Olival
- Pinheiro Bravo
- Eucalipto
- Outras Folhosas
- Castanheiro
- Sobreiro

55. Mapa de ocupação do solo com espécies de vegetação. Dados do COS2018.



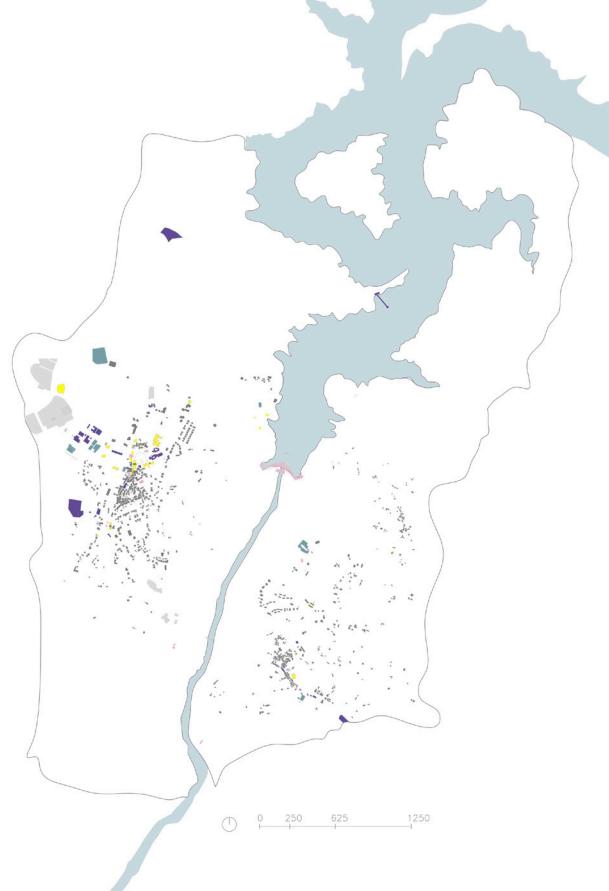
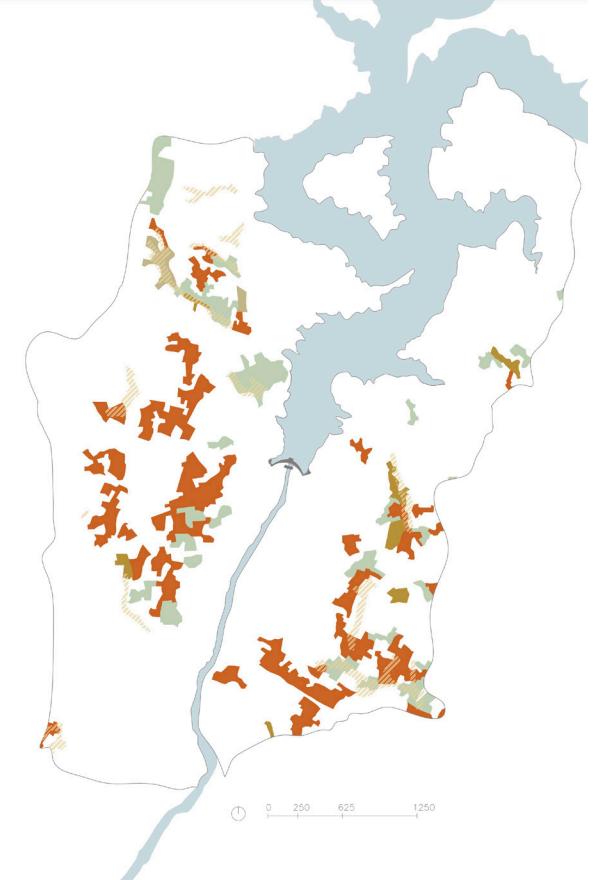
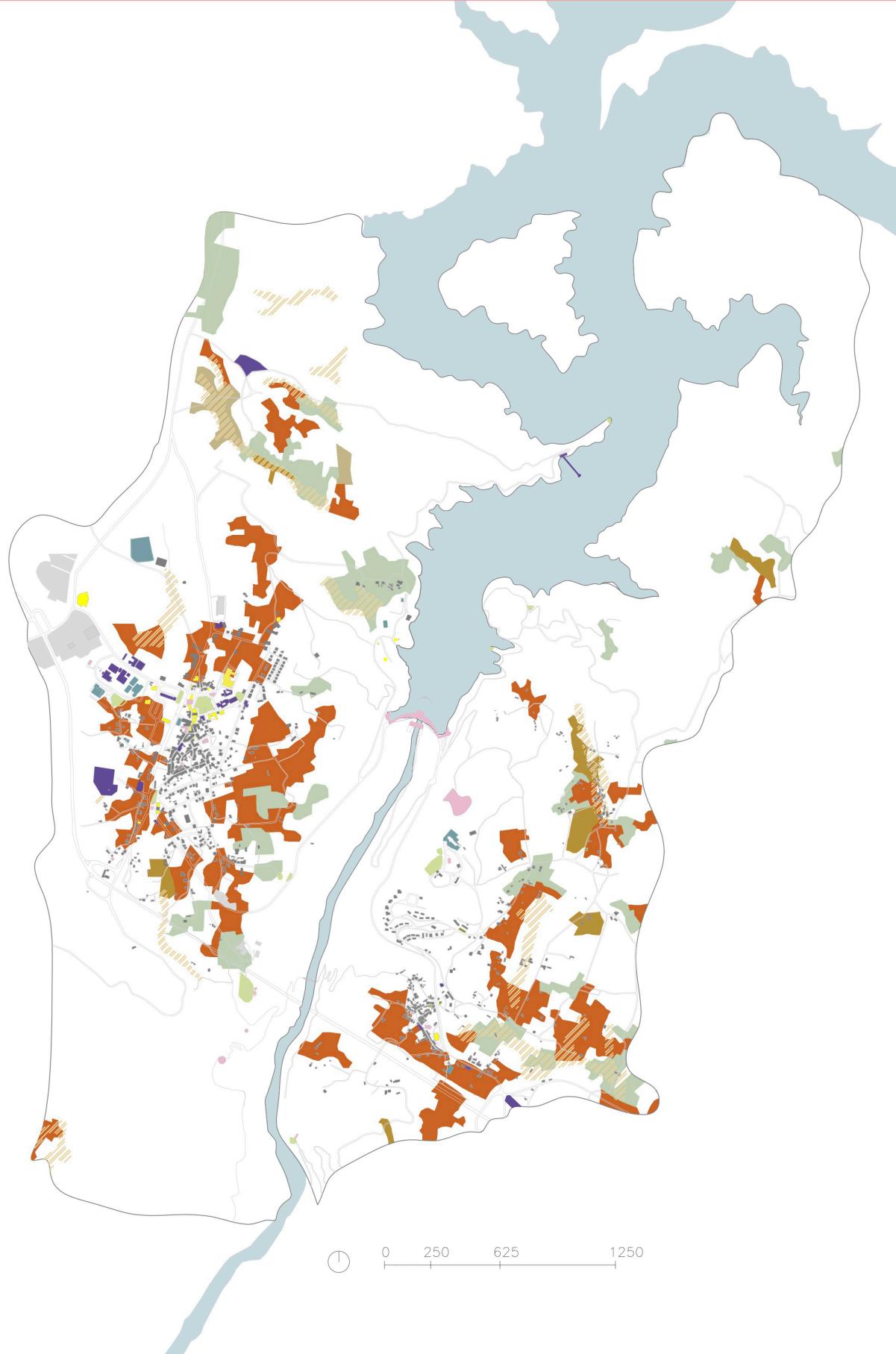
O que acontece a longo prazo com a plantação de eucaliptos é que estes deixam de ser uma fonte de rendimento e passam a ser fonte de gasto em limpeza. “A cada 30 anos, após três cortes, os cepos tinham de ser arrancados e novos eucaliptos plantados⁶”. Por isso é que os proprietários ao fim deste período, quando percebem que o arranque e replantação da espécie custa quase tanto como o lucro que tiveram nas três décadas anteriores decidem deixar os terrenos ao abandono e permitem que outras espécies invasoras, como as mimosas e acácas, também estas espécies de alta combustibilidade, se apoderem destes lugares.

- 56. Olival
- 57. Pinheiro Bravo
- 58. Eucalipto
- 59. Outras Folhosas
- 60. Castanheiro
- 61. Sobreiro

A acrescentar, esta espécie é considerada “nociva” para os territórios onde são plantados, não só porque têm um impacto negativo na destruição dos solos, induzindo resistência à infiltração de água e risco de erosão nos solos, mas também pela pobreza na biodiversidade que gera nos territórios onde é plantada. Isto sucede-se “[...] devido à composição química das suas folhas, cascas e frutos não utilizáveis por outros seres vivos, nem consumíveis e inibidoras do desenvolvimento de outras espécies.”⁷

⁶. Jacinto Silva Duro. (2017, July 14). Portugal é o país com maior área de eucalipto. Jornal de Leiria; Jornal de Leiria. <https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/portugal-e-o-pais-com-maior-area-de-eucalipto-6816>

⁷. Marques, J. T. (2018, September 11). A expansão descontrolada do eucalipto em Portugal: “E pur si muove”, por José Trincão Marques. Médio Tejo. <https://mediotejo.net/a-expansao-descontrolada-do-eucalipto-em-portugal-e-pur-si-muove-por-jose-trincao-marques/>



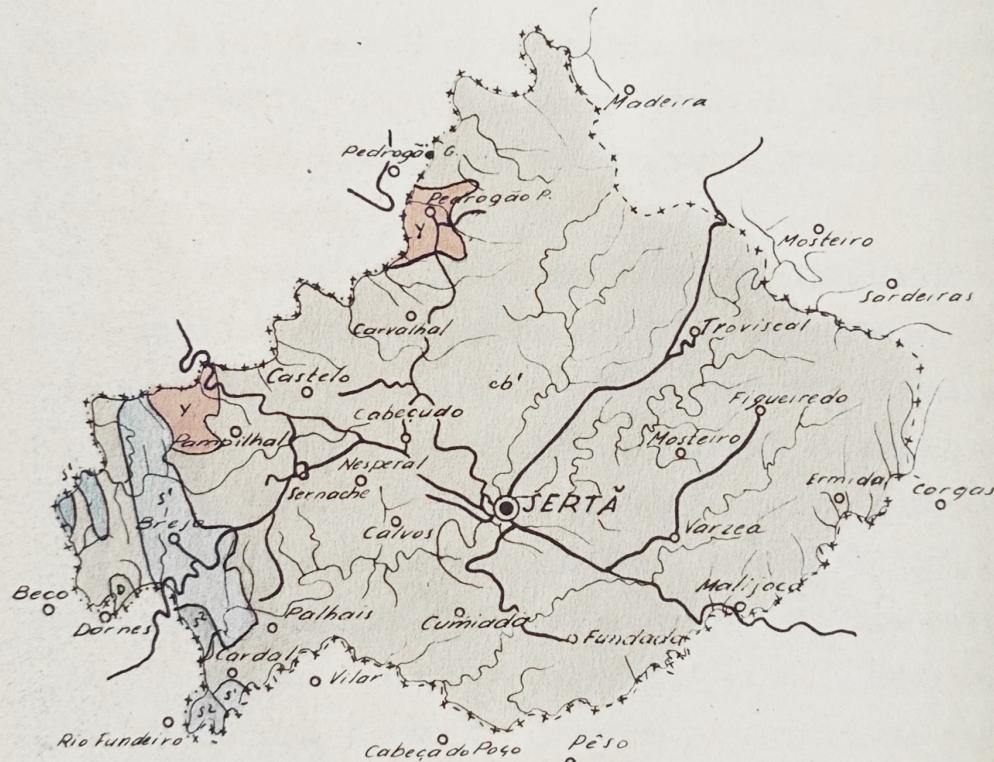
A diminuição populacional exponencial desde o período de construção da Barragem do Cabril, até ao momento atual, traça em Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno um retrato equiparável a muitos outros territórios no centro de Portugal. Este é hoje um território envelhecido, com uma baixa densidade populacional, e com carácter socioeconómico cada vez mais frágil.

- Património Histórico/Cultural
- Desporto e Lazer
- Jardins
- Comércio e Serviços
- Infraestruturas e Serviços Públicos
- Indústria
- RAN
- Olival
- Parcelados
- Culturas de Sequeiro e Regadio

62. Mapa Reserva Agrícola Nacional (RAN).
 63. Mapa de atividades.
 64. Mapa de atividades, culturas agregadas e RAN.

CONCELHO DA SERTÃ

ZONAS GEOLÓGICAS



Mapa I

A falta de uma política de partilha e gestão de recursos intermunicipais gera uma oferta excessiva de determinados equipamentos e uma carência muito grande noutros. A falta de habitação é uma das maiores problemáticas neste momento, não só em grandes cidades, mas também no centro deste território, seja para quem procura residir permanentemente, como para quem visita. Existe, para este último grupo, uma carência de alojamento local e de infraestruturas que sirvam de suporte a atividades relacionadas com o turismo. Como consequência da política de gestão de cada município há uma falta de qualidade dos equipamentos públicos existentes. Havendo uma partilha de recursos entre estes dois territórios, espaços públicos como escolas, mercados e unidades de saúde poderiam ser potenciados e oferecer um melhor apoio ao quotidiano desta população. Os proprietários privados, de uma grande parte do edificado presente nos centros destas localidades, optam por não vender a possíveis investidores o património que detêm, ou muitas vezes inflacionam os preços de venda, de tal modo que põe em causa o processo de regeneração deste tecido, necessário à potencialização e à regeneração dos concelhos. A acrescentar, as apertadas normas do PDM, dificultam a expansão da área urbanizável neste território, tornando ainda mais complexo a instalação e melhor gestão de equipamentos.

A prática da agricultura neste território, outrora um dos principais setores de atividade no território, ainda subsiste, e culturas como a do olival, presentes neste território desde a sua primeira ocupação pelos romanos, e da vinha, ainda são de algum modo visíveis e fazem parte da herança cultural deste local. No entanto, a mancha que esta atividade ocupa torna-se cada vez menor, em detrimento de uma paisagem silvícola homogénea, que ganha cada vez mais espaço no território

Rochas Plutónicas - Granitos
 Devónico Inferior - Paleozóico
 Silúrico Superior - "
 Silúrico Inferior - "
 Paleozóico e Precâmbrico indiferenciados
 "complexo xisto-gresoso das Beiras"

Escala, 1:250,000

65. Mapa das Zonas Geológicas da Sertã. Inquérito Agrícola e Florestal. Concelho da Sertã, 1958.

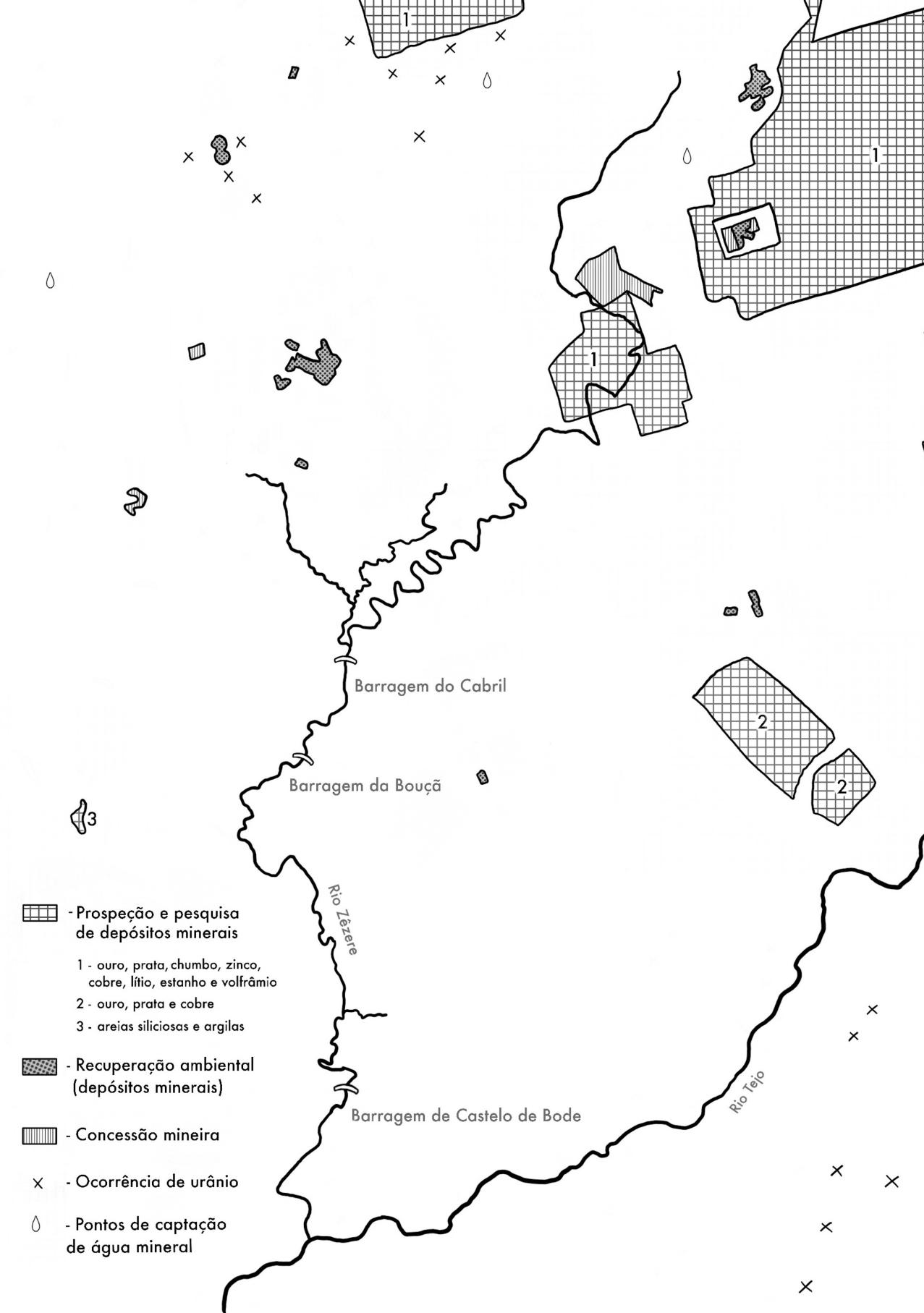
CONCELHO DE PEDRÓGÃO GRAN.

ZONAS GEOLÓGICAS



À escala distrital podemos considerar que Leiria e Castelo Branco são distritos ricos em diversos materiais que desempenham um papel importante na economia e no desenvolvimento regional. O distrito de Leiria possui extensas florestas, predominantemente compostas por pinheiro-bravo. Este é uma fonte de madeira e resina utilizados na indústria da construção e do mobiliário. É rico em fontes minerais, como o calcário, utilizado na produção de cimento e na indústria da cal; a argila, utilizada na cerâmica, produção de telhas, tijolos e louças; e ainda a extração da areia, crucial na indústria do vidro. O distrito de Castelo Branco possui uma área florestal rica em pinheiros-bravos, eucaliptos, carvalhos e sobreiros, cuja madeira, resina e cortiça são utilizados na indústria do mobiliário e da papeleira. Em termos geológicos predomina o xisto, utilizado na construção e produção de ardósias; o calcário utilizado na produção de cimento, cal e brita; e a argila utilizada na indústria cerâmica para a produção de telhas, tijolos e louçaaria. À escala da Área de Intervenção, sobre o Concelho de Pedrógão Grande e a freguesia de Pedrógão Pequeno, a principal indústria foca-se área florestal, através da obtenção de madeira dos eucaliptos para a produção de celulose e pasta de papel e ainda a extração de madeira e resina dos pinheiros-bravos, utilizados para mobiliário. Estas duas localidades encontram-se numa zona de litosolos ácidos e de afloramento de rochas graníticas. Em termos de métodos construtivos locais, o uso da pedra granítica verifica-se predominante, assim como a madeira de pinheiro na conceção estrutural de telhados e de pisos superiores. Em alguns casos, o barro é usado como argamassa e também elemento impermeabilizante.

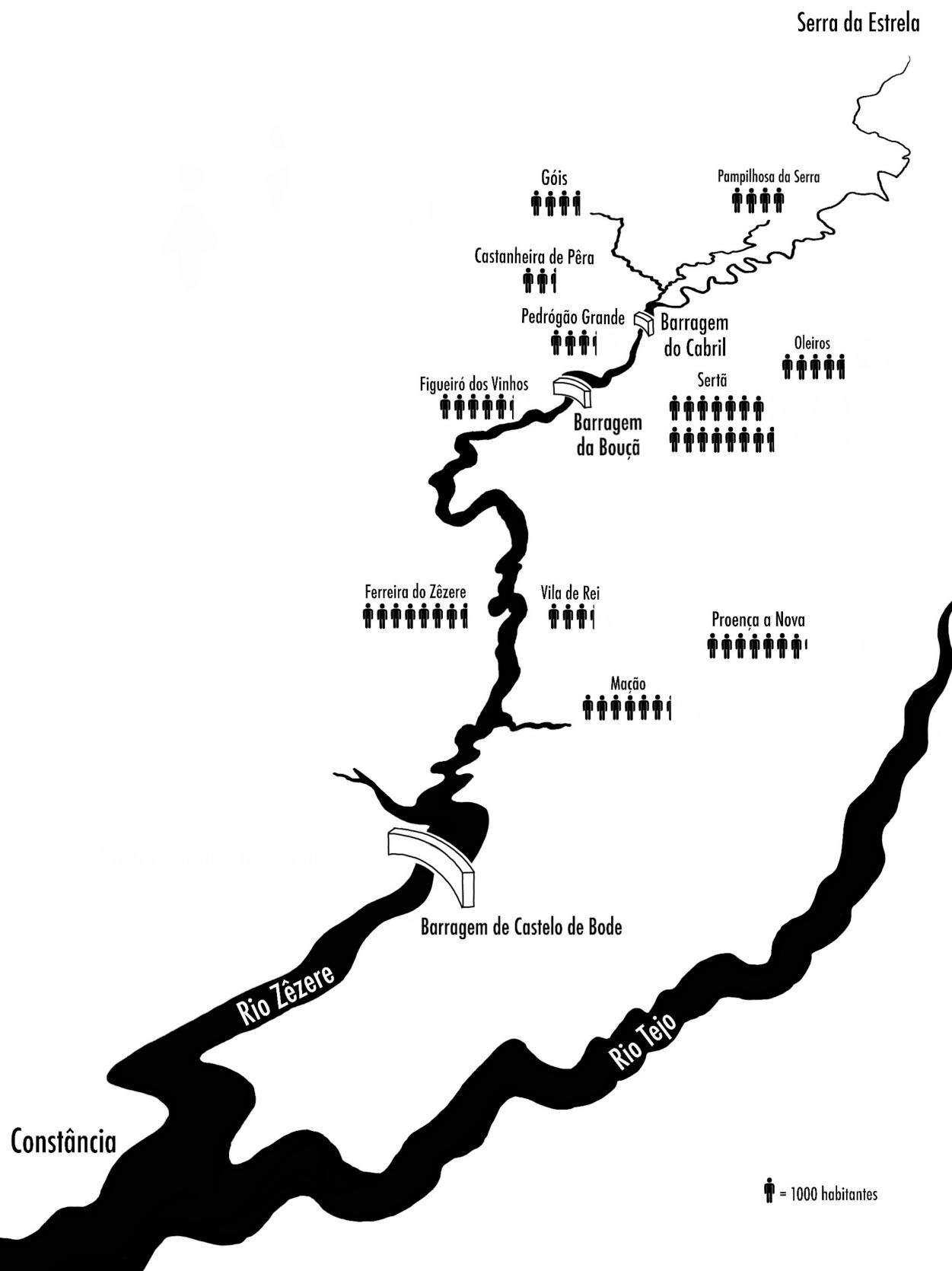
66. Mapa das Zonas Geológicas de Pedrógão Grande. Inquérito Agrícola e Florestal. Concelho de Pedrógão Pequeno, 1957.



A exploração de minerais tem sido uma atividade constante desde o tempo dos romanos, em Portugal. Como resultado da mineração, é possível encontrar vestígios desta atividade por todo o território nacional. O aumento significativo de unidades de exploração de minérios como lítio, volfrâmio, chumbo, entre outros, acabam por causar um grande impacto nos ecossistemas. A água, que funciona como principal veículo de propagação dos poluentes, distribui estes metais através dos seus cursos, com consequências devastadoras não só para o rio como também atingindo várias populações, incluindo a área metropolitana de Lisboa. Ultra-passando os focos de poluição superficiais, abrange não só as áreas próximas do rio, como grandes focos populacionais que é o caso de Lisboa.

Ao entrarem em contacto com os cursos de água poluída, a flora acaba por se tornar igualmente corrompida. Ao entrar no sistema de outros seres, através da ingestão, doses elevadas de metais propagam-se na circulação sanguínea, criando assim um ciclo vicioso de contaminação, do qual se desconhece as consequências.

67. Exploração Mineira na margem ao longo do rio Zêzere.



Tomando como base o diagrama à escala do rio Zêzere, é possível constatar que as principais áreas de prospeção e pesquisa de depósitos minerais e de concessão mineira se encontram maioritariamente a norte da barragem do Cabril. As minas de prospeção e pesquisa ocupam uma área extensa no território em análise. A nível dos concelhos, estão a ser exploradas no Fundão, Pampilhosa da Serra, Castelo Branco, Vila Velha de Rodão e Carregal do Sal. Para além das pré-existentes minas de prospeção e pesquisa, existem também áreas de concessão admitidas para uma possível futura exploração em São Jorge da Beira, Fundão, Miranda do Corvo e Vila Nova de Ceira. Isto leva-nos a concluir que todo o curso de água, desde a nascente até à foz, se encontra contaminado. Algumas destas minas, apesar de ainda se apresentarem numa fase de concessão, continuam a libertar metais pesados que contribuem para a contaminação dos solos, e dos lençóis freáticos que se estendem ao longo do curso do rio Zêzere. Numa perspetiva de atenuar a problemática da contaminação das águas, foram instituídas algumas áreas de recuperação ambiental em Góis, no Fundão, em Sarzedas, em Condeixa-a-nova e na Sertã. Embora este seja um esforço positivo, a área ocupada pelas explorações mineiras excede exageradamente a área afeta à recuperação ambiental, tornando este esforço de reabilitação ingrato e irrisório.

Os pontos de captação de água mineral encontram-se surpreendentemente próximos das áreas de exploração mineira, o que acelera a cadeia de contaminação e a disseminação destes poluentes.

O rio Zêzere organiza-se em 3 níveis, marcos pelas barragens do Cabril, da Bouçã e de Castelo de Bode. A implantação das barragens proporcionou um maior fluxo populacional para as áreas adjacentes às mesmas, criando uma relação direta entre a densidade populacional e as áreas contíguas às barragens. No entanto, com o passar dos anos, as indústrias destes locais foram estagnando, o que fez com que a população mais jovem se deslocasse em direção aos grandes polos urbanos, provocando um êxodo rural. Por exemplo, o município da Sertã, que em 1960 tinha uma população superior a 27 mil habitantes, passa a ter em 2021

68. Diagrama de distribuição e dimensão populacional do rio Zêzere.

FLORA E FAUNA

As florestas cobrem as paisagens de territórios rurais e são por isso, parte fundamental do ecossistema. Espécies de árvores autóctones como o sobreiro, o carvalho português e o pinheiro manso, são essenciais para preservar o ecossistema e o habitat selvagem. Por baixo da copa das árvores, existe um sub-stracto composto de arbustos, como a torga ordinária, a esteva, a maleiteira sarmenta e a tripa de ovelha. Por sua vez, a monocultura, quer de pinheiro-bravo, quer de eucalipto, conhecido por consumir grandes quantidades de água do solo, afeta os recursos hídricos disponíveis para outras espécies que tendem a existir juntas a albufeira do Cabril em todo território envolvente, deixando o sub-stracto pobre e impedindo o desenvolvimento de outras espécies como o cedro do Atlas

Ao longo das margens do rio Zêzere, é revelada uma vegetação que inclui salgueiros, mimosas, sabugueiros, fetos que se vêm também afetadas pela existência de eucaliptos e pelas alterações climáticas extremas e repentinas. Estes habitats ribeirinhos são vitais para a estabilização das margens dos rios, para a prevenção da erosão e para o refúgio de uma multiplicidade de espécies, desde plantas aquáticas a anfíbios e aves, e são por isso, áreas que carecem de cuidado e de planeamento. Já as paisagens agrícolas de Pedrogão Grande e Pedrogão Pequeno caracterizam-se por práticas agrícolas tradicionais que moldaram a flora da região. Olivais, vinhas e pomares pontuam o campo, intercalados por manchas de flores silvestres como o rosmaninho, o alecrim e o tomilho. Estas paisagens cultivadas apoiam o ecossistema de espécies polinizadoras e insetos importantes para a biodiversidade.

Nos limites entre os distritos de Coimbra, Leiria e Castelo Branco, existe uma área que apresenta uma mistura única de carácter mediterrânico e atlântico, promovendo um habitat propício a uma variedade de espécies. As margens do rio Zêzere possuem uma rica diversidade de fauna, contribuindo para a vitalidade ecológica da região, no entanto, ameaçada pelos impactos das mudanças climáticas e pela má gestão do território. Ao longo das margens do rio Zêzere, podemos observar a pega-azul ou o esquivo guarda-rios a voar sobre o rio, margens estas que se adequam a uma grande diversidade de espécie de aves. Os habitats ribeirinhos fornecem recursos essenciais para os anfíbios, como o tritão-de-ventre-laranja e o sapo-parateiro-comum, sublinhando a importância destes ecossistemas no suporte da biodiversidade.

A presença de mamíferos como a lontra e o lince ibérico, reflectem a interconexão da fauna com a paisagem circundante, e evidenciam o potencial de biodiversidade deste lugar, sublinhando a necessidade de esforços de conservação. A existência de seres-vivos como a lontra, são indicadores de recuperação do habitat face aos incêndios de 2017. Por outro lado, as paisagens agrícolas de Pedrogão Grande e Pedrogão Pequeno albergam espécies como o ouriço-cacheiro e o peneireiro-das-torres, que se adaptaram à coexistência com as actividades humanas. Fatores como a desflorestação, a monocultura do eucalipto que cria um manto tóxico para algumas espécies, a utilização de pesticidas, a poluição das águas com metais pesados no rio têm vindo a ameaçar o habitat das espécies em geral, levando a que algumas, tais como, a salamandra lusitânica, rã ibérica, cobra pentadáctila, lontra-europeia, vaca-loura e rola-brava fiquem em perigo de extinção. É por isso necessário e urgente compreender, preservar e reabilitar esta rica tapeçaria de biodiversidade para promover a coabituação harmoniosa entre os desenvolvimentos rurais e os ecossistemas naturais.

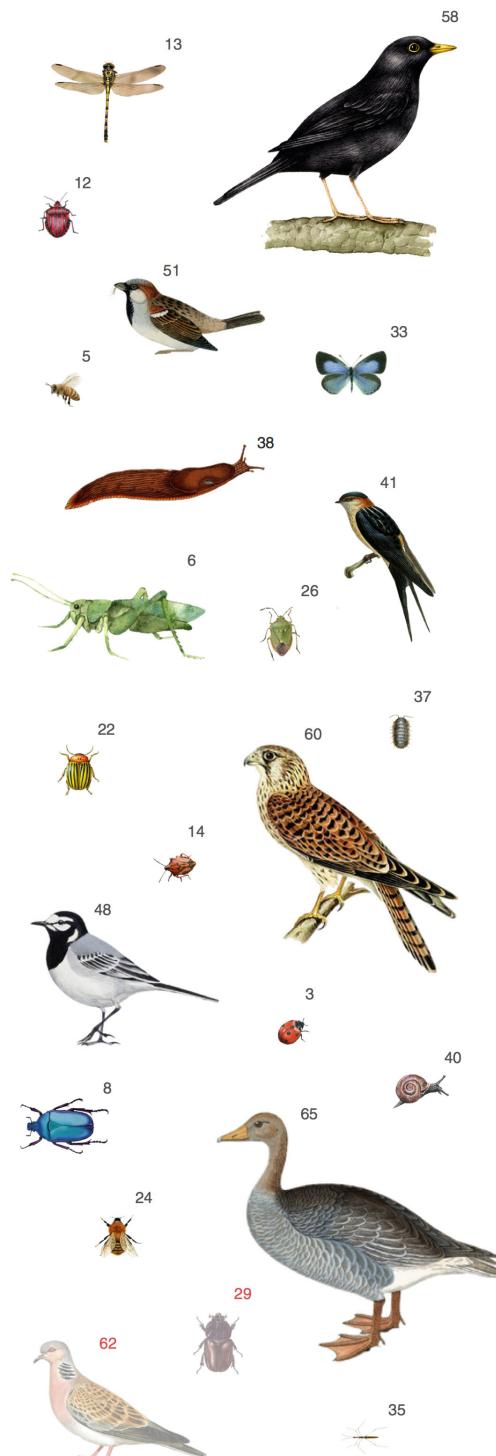


1. Azinheira *Quercus rotundifolia*
2. Trevo Branco *Trifolium repens*
3. Poejo *Mentha pulegium*
4. Violeta-de-Rivinius *Viola riviniana*
5. Miosótis-Dos-Bosques
Omphalodes nitida
6. Língua-de-Vaca *Echium plantagineum*
7. Sabugueiro *Sambucus nigra*
8. Avenca-Brava *Asplenium trichomanes*
9. Cardo-Roxo *Cirsium vulgare*
10. Centaúrio Marítimo *Centaurea maritima*
11. Oliveira *Olea europaea*
12. Norça-Preta *Dioscorea communis*
13. Alecrim *Salvia rosmarinus*
14. Azedinha-de-Flores-Vermelhas
Oxalis articulata
15. Feto-Do-Monte
Pteridium aquilinum
16. Tomate-de-Capuz *Physalis peruviana*
17. Funcho *Foeniculum vulgare*
18. Trevo-Dos-Prados
Trifolium pratense
19. Sobreiro *Quercus suber*
20. Azeda *Oxalis pes-caprae*
21. Maleiteira-Sarmatiana
Euphorbia peplus
22. Medronheiro *Arbutus unedo*
23. Chicória *Cichorium intybus*
24. Ervas-Das-Sete-Sangrias
Glandora prostrata
25. Polígono-de-Jardim
Persicaria capitata
26. Mimosa *Acacia dealbata*
27. Agulha-de-Eva
Austrocylindropuntia subulata
28. Capuz-de-Frade
Arisarum simorrhinum
29. Tripa-de-Ovelha
Andryala integrifolia
30. Eucalipto *Eucalyptus*
31. Erva-Carapau
Lythrum salicaria
32. Quelidónia-Maior
Chelidonium majus
33. Tintureira
Phytolacca americana
34. Tomate-de-capuz
Physalis peruviana
35. Cacatuz *Rumex crispus*
36. Queiróz *Erica umbellata*
37. Hakea decurrens
38. Perpétua-Das-Areias
Helichrysum stoechas
39. Conchelos *Umbilicus rupestris*
40. Feto-Real *Osmunda regalis*
41. Verrucária-Dos-Cultivos
Heliotropium europaeum
42. Trevo-Branco *Trifolium repens*
43. Esteval *Cistus ladanifer*





- Peixes**
1. Enguia *Anguilla Anguilla*
 2. Boga *Chondrostoma polylepis Steindachner*
 3. Sável *Alosa Alosa*
 4. Truta do Rio *Salmo Trutta*
 5. Carpa *Cyprinus Carpio*
 6. Achiga *Micropterus Salmoides*
 7. Barbo *Barbys Bocage*
 8. Perca-Sol *Lepomis gibbosus*
- Anfíbios e répteis**
9. Rã-Ibérica *Rana Ibérica* (em perigo de extinção)
 10. Rã-verde *Pelophylax perezi*
 11. Rela-comum *Hyla arborea*
 12. Salamandra-de-pintas-amarelas *Salamandra salamandra*
 13. Sapo-comum *Bufo spinosus*
 14. Sapo Corredor *Epidalea calamita*
 15. Sapo-de-unha-preta *Pelobates cultripes*
 16. Sapo-parteiro-comum *Alytes obstetricans*
 17. Tritão-de-ventre-laranja *Lissotriton boscai*
 18. Lagarto-de-água *Lacerta schreiberi*
 19. Osga-comum *Tarentola mauritanica*
 20. Cágado-mediterrânico *Mauremys leprosa*
 21. Salamandra-lusitana *Chioglossa Lusitanica* (em perigo de extinção)
 22. Lagartixa-de-carbonell *Podarcis carbonelli*
 23. Lagartixa-do-mato *Psammodromus algirus*
 24. Lagartixa-do-mato-ibérica *Psammodromus hispanicus*
 25. Lagartixa-verde *Podarcis virescens*
 26. Sardão *Timon lepidus*
 27. Cobra-de-água-de-colar-mediterrânica *Natrix astreptophora*
 28. Cobra-de-água-viperina *Natrix maura*
 29. Cobra-de-pernas-tridáctila *Chalcides striatus*
 30. Cobra-lisa-meridional *Coronella girondica*
 31. Cobra-rateira *Malpolon monspessulanus*
 32. Cobra-de-escada *Zamenis scalaris*
 33. Licranço *Anguis fragilis*
 34. Vibora-cornuda *Vipera latastei*
- Mamíferos**
35. Esquilo-vermelho *Sciurus vulgaris*
 36. Ratazana-castanha *Rattus norvegicus*
 37. Ratazana-preta *Rattus rattus*
 38. Rato-das-hortas *Mus spretus*
 39. Rato-do-campo *Apodemus sylvaticus*
 40. Musaranho-de-dentes-brancos-grande *Crocidura russula*
 41. Toupeira *Talpa occidentalis*
 42. Lontra *Lutrinae* (em perigo de extinção)
 43. Ouriço-cacheiro *Erinaceus europaeus*
 44. Saca-rabos *Herpestes ichneumon*
 45. Lince-ibérico *Lynx pardinus*
 46. Gato selvagem *Felis silvestris*
 47. Raposa *Canidae*
 48. Raposa *Canidae*
 49. Texugo *Meles Meles*
 50. Morcego *Chiroptera*
- Fungos e Líquenes**
51. Pulmonária *Lobaria pulmonaria*
 52. Orzela-do-reino *Evernia prunastri*
 53. Trametes versicolor *Trametes versicolor*



Insectos

1. Borboleta *Charaxes jasius*
 2. Libelinha *Anisoptera*
 3. Joaninha *Coccinellidae*
 4. Vespa *Crabro*
 5. Abelha *Anthophila*
 6. Gafanhoto *Caelifera*
 7. Escorpião *Buthus occitanus*
 8. Escaravelho *Scarabaeidae*
 9. Cigarra *Cicadoidea*
 10. Vaca-Loura *Lucanus cervus*
 11. Malhadinha *Pararge aegeria*
 12. Percevejo do Funcho
Graphosoma italicum
 13. Gongos das Nascentes
Onychogomphus uncatus
 14. Percevejo - Mediterrâneo
Carpocoris mediterraneus
 15. Carpinteiro *Ergates faber*
 16. Libelinha Branca
Platycnemis latipes
 17. Guarda Portões
Pyronia tithonus
 18. Caracoleta *Cornu aspersum*
 19. Fritilária dos lameiros
Euphydryas aurinia
 20. Libélula Anelada
Cordulegaster boltonii
 21. Gafanhoto do Egito
Anacridium aegyptium
 22. Escaravelho de Batata
Leptinotarsa decemlineata
 23. Gaiteiro Azul *Calopteryx virgo*
 24. Abelhão Cardador
Bombus pascuorum
 25. Acobreada Ibérica
Lycaena bleusei
 26. Percevejo - Frade
Nezara viridula
 27. Tecedreira-de-Cruz-Cosmopolita
Araneus diadematus
 28. Morcego - de - Grilo
Mangora acalypha
 29. Escaravelho Rinoceronte Europeu
Oryctes nasicornis
 30. Orthetrum dos Ribeiros
Orthetrum coerulescens
 31. Acobreada *Lycaena phlaeas*
 32. Libelinha Cespular *Boyeria Irene*
 33. Azul Celeste *Clestrina argiolus*
 34. Abelha Carpinteira Violeta
Xylocopa violacea
 35. Contador de Água
Hydrometra stagnorum
 36. Mil Pés das Florestas
Oxidus Gracilis
 37. Bicho da Conta
Armadillidium vulgare
 38. Lesma Leopardo
Limas Maximus
 39. Cigarra Prateada
Tettigettalna argentata
 40. Caracol Riscado
Cepaea nemoralis

Aves de Pequeno Porte

41. Andorinha Daurica
Cecropis daurica
 42. Toutinegra de Barrete
Sylvia atricapilla
 43. Abelharuco
Merops apiaster
 44. Melro d'Agua
Cinclus cinclus
 45. Milheirinha
Serinus serinus
 46. Tentilhão
Fringilla coelebs
 47. Pintassilgo
Carduelis Carduelis
 48. Alvéola-Branca
Motacilla Alba
 49. Pardal Montês
Passer montanus
 50. Verdilhão *Chloris Chloris*
 51. Pardal dos Telhados
Passer Domesticus
 52. Cartaxo Comum
Sxicola rubicola
 53. Estrelinha Real
Regulus ignicapilla
 54. Escrevedeira
Emberiza cirlus
 55. Andorinha das Rochas
Ptyonoprogne rupestris
 56. Andorinha
Hirundinidae
 57. Rabirruivo
Phoenicurus ochruros
 58. Melro *Turdus merula*

Aves de Grande Porte

59. Águia-De-Asa-Redonda
Buteo buteo
 60. Peneireiro
Falco tinnunculus
 61. Milhafre
Milvus migrans
 62. Rola Brava
Treptopelia turatur
 63. Cegonha
Ciconia
 64. Pato
Anas platyrhynchos
 65. Ganso
Anser anser

Viagem ao Cabril



As visitas realizadas pelo atelier Na Margem permitiram uma compreensão mais aprofundada do território em estudo. Através da consulta a arquivos municipais e do contato direto com moradores locais, foi possível reconstruir a memória da área antes e após a construção da Barragem do Cabril, e compreender as dinâmicas que moldaram o seu desenvolvimento.

A primeira visita, realizada em 16 de outubro de 2023, teve como objectivo a consulta aos arquivos municipais de Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, nomeadamente de os dados disponíveis sobre a construção da barragem e o período anterior à sua existência.

O trabalho foi estruturado por grupos que se dividiram entre os arquivos, a Junta de Freguesia e as aldeias adjacentes. A reunião com as técnicas do Arquivo Municipal de Pedrógão Grande, Susana e Fátima, possibilitou o acesso a uma vasta documentação histórica, enquanto Marta Martins, da Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno, forneceu materiais relevantes para a investigação sobre o território.

A segunda visita, realizada entre os dias 23 e 25 de novembro de 2023, complementou as descobertas iniciais, proporcionando a compreensão técnica da barragem e do seu funcionamento energético, com uma visita guiada pelo engenheiro César Simões às instalações da EDP. Durante esta visita, foram apresentados os métodos construtivos da barragem e do seu funcionamento, destacando-se sua importância para a produção de eletricidade e a necessidade da gestão hídrica eficiente.

As reuniões com os stakeholders foram cruciais para aprofundar a compreensão dos desafios atuais enfrentados pela região. A reunião com o Presidente da Junta de Freguesia de Pedrógão Pequeno trouxe à tona projetos históricos, como o plano para as levadas de 1918, e destacou a importância do túnel do Moinho das Freiras. Já o encontro na Câmara Municipal de Pedrógão Grande, com o Presidente da Câmara e membros da sua equipa, revelou estratégias progressivas para a aquisição de terrenos e a reflorestação com espécies autóctones. No entanto, a predominância do eucaliptal ainda representa um grande desafio para os órgãos executivos devido aos interesses dos proprietários privados. Além disso, foi discutido o impacto dos incêndios de 2017 no turismo, evidenciando a ironia de um aumento na procura turística motivado pela devastação da paisagem local.

Dessa forma, a experiência de campo consolidou a importância de um olhar atento e crítico sobre a relação entre o território, a memória e a sustentabilidade, permitindo que o atelier formulasse uma abordagem informada e sensível para os desafios contemporâneos enfrentados por esta paisagem em transformação.

Gesto Justo

Prognóstico para um território

O trabalho, até aqui apresentado, procura consolidar e sistematizar os conhecimentos adquiridos, durante o primeiro semestre, articulando-os com as escolhas individuais. Permitiu a construção de um suporte teórico e prático que justifica as estratégias adotadas ao longo de todo o processo. A investigação não fundamenta apenas as propostas, mas também promove uma reflexão crítica sobre a responsabilidade do arquiteto em imaginar alternativas para o futuro.

Este diagnóstico territorial revelou questões que foram incorporadas nas respostas da fase seguinte, nomeadamente:

Identidade ameaçada:

A perda progressiva das qualidades locais devido ao abandono e à descaracterização das infraestruturas e paisagens.

Degradação ambiental:

A urgência de reflorestamento com espécies autóctones para promover a biodiversidade, regenerar as margens e melhorar a qualidade da água do rio Zêzere.

Infraestruturas obsoletas:

Levantamento de construções degradadas ou abandonadas, nas margens, que ainda possuem potencial para serem reusadas.

Desafios do pós-Antropoceno:

A necessidade de um novo modelo de coexistência interespécies, para uma realidade mais-do-que-humana.

Falta de articulação intermunicipal:

A necessidade de ligar fisicamente e politicamente as duas margens, com o enfoque no atravessamento da EN2 pelo muro da barragem do Cabril.

Para além das casas:

A arquitetura como disciplina estratégica para o ordenamento territorial, capaz de enfrentar a crise ecológica e imaginar futuras alternativas, contribuindo para a transformação social.

A importância do gesto justo:

A procura por intervenções coerentes, responsáveis e sustentáveis que respeitem o contexto e as suas múltiplas camadas.



1

É urgente preservar as tradições que tornam as comunidades rurais únicas, de forma a perpetuar a sua identidade cultural e histórica.

Projetando e recuperando espaços onde atividades como as bandas filarmónicas, os grupos de teatro e os ranchos se possam desenvolver, o arquiteto pode ter um impacto significante na conservação do legado cultural e histórico destas terras.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
O ritmo e a música.
Matilde Monteiro

2

A preservação do espaço público comum é um recurso fundamental para a coesão social e a vivência comunitária. O mercado enquanto espaço de troca, não apenas de bens, mas de ideias e de saberes. Um espaço capaz de preservar tradições locais, refletir a identidade do território e contribuir para a manutenção de práticas culturais enraizadas na história coletiva.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
Infraestrutura como espaço agregador.
Flávio Ferreira

4

O campo é um lugar de e para todos. (Co)habitar o campo deve partir da relação entre o “eu” com o “outro”, o coletivo, e daí com um espaço “rural” vivo, dinâmico e de realidades plurais.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
A paisagem rural como lugar de permanência.
Diogo Vitorino

5

Mobilidade para todos. É necessário repensar o atravessamento da barragem pela EN2 e aproximar Pedrogão Grande e Pedrógão Pequeno.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
Mobilidade: o chão para todos.
Cláudia Costa

3

O reúso é uma estratégia fulcral para a regeneração das áreas rurais. A adaptação de estruturas preeexistentes permite revitalizar essências, reforçar tradições e criar novas oportunidades que assegurem um futuro promissor para a população e a biodiversidade local.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
Flexibilidade e reúso.
Beatriz Ribeiro

6

A água é um bem comum. Tirar partido deste bem por via de desportos náuticos pode ser a opção mais sustentável, pois o mesmo não coloca em causa a integridade dos ecossistemas locais, ao mesmo tempo que promove atividades recreativas e o desenvolvimento económico na região.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
Desporto e lazer.
Davi Souza

7

Repensar habitats e relações multiespécies. Num território transformado pela infraestrutura hidráulica, a água pode ser um espaço de biodiversidade.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
Águas multiespécies.
Inês Silva

8

Espécies resinosas não são floresta. É urgente gerir a floresta e devolver à Natureza os seus agentes ativos.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
O pastoreio na regeneração rural e prevenção de fogos.
Beatriz Duarte

10

(Re)parar!

Reparar na paisagem é saber ver com atenção, ver o que foi negligenciado, e reconhecer a urgência de uma intervenção. Mas reparar na paisagem não basta. Precisamos de aprender a parar e restaurar o equilíbrio ecológico perdido. A reparação não é apenas física, mas simbólica e necessária, para resgatar o relacionamento entre o homem e a Natureza. A Natureza não é um recurso para os humanos e necessita de ser protegida e preservada.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
Reparar.
Irina Bencheci

11

Os sentidos são a ligação imutável entre o homem e natureza. Os sentidos como a ferramenta mais pura que atua no nosso ser. Temos de sentir a efervecescência do fogo que consome. Temos de ouvir os medos e desabafos da floresta a morrer. Acordar da inércia e sentir a preciosidade da inexistência de tempo.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
O fogo e a floresta.
Miguel Matos

9

A floresta deve representar vida e não uma indústria. Criar condições para permitir vida, biodiversa, sem monoculturas, que não levem ao confronto da erradicação de vida. O fogo sempre existiu e vai continuar a existir, deve-se portanto aprender a dominá-lo e usá-lo de modo a que as florestas permaneçam como espaços vitais de equilíbrio.

Arquiteturas na Margem:
O que te faz feliz?
Espaços de fogo.
Carolina Künster

GLOSSÁRIO

A

Açude _Obstáculo de terra ou madeira colocado perpendicularmente a um curso de água, destinado a represar as águas. “Construção erguida no leito da ribeira com o objetivo de represar e elevar o nível da água. Até atingir 8 metros, onde a água galga, considera-se açude, para além disso fica sem efeito.” (Costa dos Santos, José (2002), Moinhos da Ribeira de Pera)

Acupuntura _A arte de pequenas intervenções cirúrgicas no território.

Agricultura _O cultivo do solo, por meio de procedimentos, métodos e técnicas próprias. Com o propósito de produzir alimentos para o consumo humano, ou para serem usados como matérias-primas na indústria.

Água _O recurso natural mais abundante no planeta, que mantém o equilíbrio nos ecossistemas, no entanto, nem todo poder ser aproveitado pelo Homem.

Albufeira _Plano de Água formado numa bacia criada por uma Barragem, delimitado pelo Nível de Pleno Armazenamento (NPA).

Alterações Climáticas _Variações dos padrões meteorológicos de longo prazo na Terra, como a temperatura, os níveis do mar e a precipitação.

Ambientalismo _Um movimento que procura a proteção e preservação do meio ambiente, baseado na preocupação com questões relacionadas à degradação ambiental, esgotamento dos recursos naturais, poluição, perda de biodiversidade e mudanças climáticas. Engloba uma variedade de abordagens e atividades, desde a advocacia por políticas ambientais mais rigorosas, até à promoção de práticas sustentáveis no quotidiano.

Analogia _Relação de semelhança entre conceitos. Uma comparação inusitada entre dois objetos diferentes. Usa-se para explicar algo desconhecido ou complexo, por meio de comparação com algo mais familiar ou compreendido.

Antropoceno _É a Era marcada pelo impacto do Homem na Terra. “The Anthropocene is the name given to a geological period in which human-made stuff has created a layer in Earth’s crust: all kinds of plastics, concretes and nucleotides, for example, have formed a discrete and obvious stratum.” (Morton, Timothy (2016), *Aesthetics, Ethics and Objects in the Anthropocene*)

“Con el concepto de futuros multiespecies, este volumen tiene el objetivo de avanzar la comprensión sobre las maneras en que un conjunto de procedimientos archivo, escucha situada, transmisión, nomadismo, hacer con desde el arte, la especulación y el activismo pueden estimular comprensiones de las relaciones entre los humanos y el planeta, más allá del antropocentrismo.” / “La irrupción de lo no humano en las prácticas artísticas desafía la fantasía antropocéntrica que coloca al ser humano sobre las demás especies para poner de manifiesto una relationalidad multivinculante con el mundo.” (Castro, Azucena (2022), *Futuros Multiespecies*)

APA _Agência Portuguesa do Ambiente. A entidade responsável e reguladora, pela implementação das políticas de ambiente em Portugal.

B

APRH _Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos. A Associação científica e técnica, sem fins lucrativos, que pretende fomentar o tratamento interdisciplinar dos problemas da água, no país.

Aquicultura _Trata do estudo e criação (ou cultivo) controlado de espécies aquáticas tais como peixes, moluscos, crustáceos, etc.

Arquitectura _“(...) uma extensão da cultura, não apenas como manifestação de design e estética, mas também como expressão profunda da identidade e dos valores de uma sociedade (...).” (Correia, Lucinda (2021), *Contra-Arquitetura*)

Artifício _Um tipo de habilidade, astúcia, construção humana ou recurso técnico, usado normalmente para atingir um objetivo. Um feito pelo ser humano, um artefacto ou obra de arte, uma construção. Um meio ou recurso técnico para alcançar um propósito específico.

Ativista _Alguém que se envolve ativamente em ações destinadas a promover, defender ou lutar por uma causa específica. Este tipo de envolvimento pode assumir diversas formas, incluindo organização de atividades com o propósito de alcançar mudanças sociais, políticas ou ambientais.

Autóctone _Ver Espécie Espontânea. Uma espécie que pertença naturalmente a um território.

Baldios _Terras comuns, não cultivadas ou não utilizadas, mas associadas a zonas rurais. Em Portugal os baldios têm uma história significativa e são geridos por comunidades locais. Os moradores, por vezes, têm direitos coletivos sobre essas terras, e as decisões sobre o uso das mesmas são tomadas de maneira conjunta na comunidade.

“Terrenos destinados a servir de logradouro comum dos vizinhos de uma povoação ou de um grupo de povoações.” / “São baldios os terrenos possuídos e geridos por comunidades locais, definidas como o conjunto dos compartes. São compartes os moradores de uma ou mais freguesias ou parte delas que, segundo os usos e costumes, têm direito ao uso e fruição do baldio. Não sendo propriedade privada das juntas de freguesias, nem pertencendo ao domínio público do Estado, os terrenos baldios fazem parte do sector comunitário, ou seja, a sua proprietária é a própria comunidade.” (Khotari, Ashish (2019), *Pluriverse*)

Barragem _Uma estrutura construída para reter e controlar o fluxo de água. São projetadas para represar a água para diversos propósitos, como gerar energia (Centrais Hidroelétricas), abastecimento de água e controlo de cheias.

Casa do poder das Nações. (Swyngedouw, Erik (2015), *Liquid-Power*)

Bem-estar _Hoje em dia está associado a uma ideia de conforto pessoal. “(...) positive psychology stresses that we should all stop comparing ourselves to each other and focus on feeling more grateful and empathetic instead.” (Davies, William (2015), *The Happiness Industry*). “(...) an affective part that has its evaluation based on emotions and feelings, a cognitive part that relies on memories, stored information and barometers

C

Campo _Terreno não povoado.

“The countryside is where the radical changes are (...), “I don’t think there should be more planning in the countryside, or that it will be the next big place for architects to intervene. The attraction to megastructures in the industrialized interior is precisely because they have nothing to do with architects. They are ultra-utilitarian warehouses, divorced from architectural ambition.” (Koolhaas, Rem (2017), *Countryside – A Report*)

Casa _O lugar emocional, de segurança, conforto e bem-estar, independentemente de ser uma estrutura física específica.

Capitalismo _Política de Sistema Económico baseado na propriedade privada dos meios de produção e exploração, com fins lucrativos.

Capitalismo Verde _Proveniente de uma política enganadora, associada ao conceito de sustentabilidade, que resulta numa manipulação que apoia a “natureza barata” (exploração de recursos). “Como se ha señalado desde las humanidades ambientales y los estudios culturales31, el concepto de sustentabilidad es muchas veces apropiado por discursos de desarrollo (“desarrollo sustentable”, “capitalismo verde”, “ecomodernidad”, “greenwashing”) para apoyar políticas que producen ajustes mínimos con el objetivo de que el sistema que dio origen a la crisis ecológica del Capitaloceno continúe desarrollándose en lo que Jason Moore denomina una “ecología-mundo”32 basada en la constante exploración de “naturalezas baratas” para alimentar las economías de Occidente.” (Castro, Azucena (2022), *Futuros Multiespecies*)

D

Futuros Multiespecies)

Capitaloceno

Ver Antropoceno + Capitalismo.

Catástrofe

- Um acontecimento referente a uma manifestação de um ou mais riscos que podem tornar-se desastrosos e que envolvem destruição, uma calamidade. Também pode identificar-se uma situação de má qualidade, que causa uma impressão negativa, pode acabar mal ou estar mal feita.

CCDR _ Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional. A Entidade pública portuguesa que tem como objetivo principal promover o desenvolvimento regional e a coesão territorial.

Chā _ Uma extensa área plana de terra, como uma planície ou um planalto.

Chthulucene _ "Name for the dynamic ongoing sym-chthonic forces and powers of which people are a part, within which ongoingness is at stake. Maybe, but only maybe, and only with intense commitment and collaborative work and play with other terrans, flourishing for rich multispecies assemblages that include people will be possible. I am calling all this the Chthulucene—past, present, and to come." (Halaway, Donna (2016), Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene)

Clima _ Um padrão a longo prazo das condições do tempo em regiões específicas, influenciado por diversos elementos e fatores climáticos que atuam na atmosfera. Um conjunto de aspetos e variáveis climáticos que atuam numa determinada localidade ao longo do tempo.

Climate Breakdown

O colapso das condições climáticas globais, devido ao aquecimento global proveniente de ações humanas, como queima de combustíveis fósseis, queimadas e emissões de gases de efeito estufa. Não implica apenas um aumento da temperatura global, como uma série de consequências adversas como eventos climáticos extremos mais frequentes e intensos: elevação do nível do mar, acidificação dos oceanos, perda de biodiversidade e alterações nos padrões de precipitação.

Colonização _ Estabelecer um controlo e possessão de um território. Envolve geralmente migração de espécies e pode estabelecer-se uma ocupação invasiva numa determinada região, com o objetivo de expansão.

Comum _ Algo que seja compartilhado por uma comunidade. Uma área que possa estar disponível para uso e acesso de todos e para todos, tal como poderá ser relativo a todos, em oposição ao que possa ser privado.

Comunidade _ Um composto de expectativas, interações ou comportamentos com propósito, que os humanos realizam entre si. É uma condição que individualiza a organização e a separa dos outros com o motivo de agrupar as pessoas que possam compartilhar os mesmos desejos, motivações, ou até mesmo um lugar, em que apenas aquando juntas, faz sentido.

Constrangimentos _ Todos os projetos estão sujeitos a um conjunto de constrangimentos externos que têm de ser observados cuidadosamente. Dizem-nos o que "não pode ser ou acontecer" (como impossibilidades, ou condicionantes), e saber identificar limitações. Cada constrangimento é uma oportunidade.

Construção

Ação de construir. Dar forma a algo.

Consumismo

"If consumption and materialism remain both cause and effect of individualistic unhappy cultures, the vicious circle is a profitable one for those involved in marketing". (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

COP28 _ 28º Edição Conferência

das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2023 ou Conferência da CQNUMC (Convenção Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima).

COS _ Carta de Ocupação dos Solos.

Cultura _ Um conjunto de conhecimentos, comportamentos, costumes, expressões, que caracterizam uma sociedade ou comunidade específica. É uma dinâmica que está em constante evolução, que pode também ser influenciada por interações culturais, migrações e eventos históricos. Cada comunidade é única na sua cultura e a diversidade cultural é uma característica fundamental da experiência humana.

Decrescimento

Uma redução deliberada e sustentada do consumo e da produção de bens e serviços.

Desenvolvimento

Sustentável

Satisfação das necessidades do presente, sem comprometer as necessidades das gerações futuras.

Desperdício

Uma utilização inadequada ou uma perda de recursos, devido a ações ou processos ineficientes, descuido ou falta de consideração. Implica uma utilização desnecessária de recursos que poderiam ter um melhor aproveitamento.

Dopamina

Um componente químico do cérebro, que funciona como um sistema de recompensa neurológica. "(...) a dopamina é libertada dos nossos cérebros quando existe uma recompensa por uma boa decisão, tal como nos, os animais também são governados por prazeres e por dor, repetindo as ações que lhes trazem recompensas e evitando aquelas que lhes trazem dor". (Davies, William (2015), The Happiness Industry)

Diversidade

A presença de diferenças variadas, em termos de características ou qualquer outra forma de distinção. A valorização da multiplicidade de perspetivas, experiências e identidades presentes numa determinada comunidade, sociedade ou ambiente.

E

Eco-Ativismo *Grupos e organizações que se dedicam a enfrentar problemas ambientais como a mudança climática, a poluição, a destruição de habitats naturais, a perda de biodiversidade e outros desafios que afetam a saúde e o equilíbrio dos ecossistemas e a qualidade de vida das pessoas.*

Ecocídio *Destrução em massa da Natureza. Uma destruição extensa e deliberada do meio ambiente natural, incluindo ecossistemas, fauna, flora e recursos naturais. Um dano ambiental significativo provocado por atividades humanas que resultam em impactos irreversíveis ou de longo prazo para o equilíbrio ecológico do planeta.*

Ecologia *O ramo que estuda as interações entre os organismos e o ambiente. As relações dos seres vivos com os habitats físicos. Uma compreensão sobre a conservação da biodiversidade, na gestão de recursos naturais e na abordagem de questões ambientais e globais, como a mudança climática e a perda de habitats.*

Economia Circular *“Visa dissociar o crescimento económico dos impactos ambientais - com objetivos como: reduzir o uso de matéria-prima para reverter o modelo extractivista do sistema económico atual; impulsionar práticas de reutilização, evitando descartar padrões para matérias e materiais que ainda tenham valor de uso para diferentes partes da sociedade; aumentar a reciclagem dos bens através da implementação de um acordo de mercado eficaz para materiais secundários.” (Khotari, Ashish (2019), Pluriverse)*

Economia de meios

Permite otimizar a utilização dos recursos disponíveis a partir da produção de conhecimentos objetivos, precisos e oportunos.

Ecossistema *Um sistema complexo composto por uma comunidade de organismos vivos (como plantas, animais, microorganismos) que interagem entre si no ambiente físico onde vivem (como solo, água, ar). Uma unidade funcional composta por elementos bióticos e abióticos.*

Emergência Climática *A crescente consciência de que as mudanças climáticas representam uma ameaça existencial à humanidade e ao planeta. Uma ação que se torna imediata e decisiva, necessária para mitigar as mudanças climáticas.*

Ensaio *“(...) o ensaio pessoal propriamente dito – o aparelho formal de introspeção honesta e de compromisso sustentado com as ideias, tal como descrito por Montaigne e desenvolvido por Emerson, Woolf e Baldwin – está em eclipse. (...) A este propósito acho oportuno mencionar mais duas lições que aprendi com Henry Finder. Uma foi que, qualquer ensaio, mesmo um texto de reflexão, conta uma história. A outra foi que Só há duas maneiras de organizar as matérias: “Isto é como aquilo” e “Isto resulta daquilo”. Talvez estes preceitos pareçam óbvios, mas qualquer pessoa que corrija trabalhos liceais ou universitários sabe que não são. Para mim, em particular, não é evidente que um texto de reflexão deva seguir as regras do drama. E, no entanto, não é verdade que uma boa discussão comece por formular um problema difícil? E que a seguir propõe uma saída para o problema através de uma solução audaciosa, e levanta obstáculos sob a forma de objeções e contra-argumentos para, no fim, por via de uma série de inflexões, nos levar a uma conclusão imprevista, mas satisfatória? (...) Se o leitor aceitar a premissa de Henry, de que uma peça de prosa bem conseguida consiste em material organizado sob a forma de uma história, e se comungar da minha convicção de que as nossas identidades consistem nas histórias que contamos sobre nós próprios, faz sentido que obtenhamos uma forte dose de substância pessoal no trabalho de escrever e no prazer de ler.” (Franzen, Jonathan (2018), O fim do fim da Terra)*

Escada de Peixes *Estrutura construída em torno de barreiras naturais ou artificiais, para facilitar a transportação de peixe e espécies que necessitam de migração.*

Espécie Espontânea *Espécie vegetal, autóctone, cujo surgimento não foi resultante da intervenção humana direta, nomeadamente por plantação.*

Espécie Invasora *Espécie suscetível de, por si própria, ocupar o território de uma forma excessiva em área, provocando uma modificação significativa nos ecossistemas em que ocorre.*

Estação Náutica *A integração e desenvolvimento de atividades turísticas relacionadas com a água, tais como navegação, mergulho, pesca, desportos aquáticos, turismo de observação de vida marinha.*

ETAR *Estação de Tratamento de Águas Residuais*

Ética *O estudo do comportamento humano e os princípios morais que orientam as ações individuais e coletivas. Uma contribuição para o bem-estar individual e coletivo, na construção de uma sociedade mais justa.*

Etimologia *A origem das palavras num só estudo, sobre a formação, evolução e significado, ao longo do tempo.*

Extrativismo *Cultura de extração implementada na época do colonialismo. / O olhar para Terra, e o que a constitui, como um recurso.*

F

Felicidade Uma cultura que valoriza apenas otimismo, vai produzir patologias de pessimismo, com sintomas tais como: depressão, falta de sono, falta de libido. / O sentido de comunidade também desperta a felicidade.
 “A negative frame of mind, including depression itself, is known to be socially contagious.” / “We have become obsessed with money and acquisition at the expense of our social relationships in our own human fulfilment.” / “Para perceber um termo psicológico como a felicidade, humor, ou motivação, é preciso perceber-lo tanto como ocorre nos outros, como ocorre em cada indivíduo. Eu sei o que felicidade significa, porque eu sei como descrevê-lo nos outros e sei reconhecê-lo na minha própria vida.” (Davies, William (2015), *The Happiness Industry*)

Fogo É uma manifestação de combustão com emissão de luz e calor.
 “O fogo é a síntese do contexto.” / “(...) só conseguimos mudar a magnitude com que ele se expressa, se alterarmos antecipadamente o seu contexto, isto é, a vegetação suscetível de arder.” (J. Pyne, Stephen (2023), *Piroceno*).

G

Galeria Ripícola Formações de espécies vegetais autóctones nas zonas de transição entre ecossistemas aquáticos e terrestres.

Green Ethics

“(...) emerged with the environmental movement of the 1970s. That movement focused largely on the important task of finding a better way to act toward nature, but our current times require something else: that we derive our ethics from the ways nature acts on us.” (Kohn, Eduardo (2013), *Forest for the Trees*)

Green Washing

Ver Capitalismo Verde.

H

Hegemonia Um domínio ou influência exercida por parte de um grupo ou poder sobre outros, seja no âmbito internacional, político, económico, cultural ou social. Um domínio de ideias, valores ou normas sobre outros indivíduos, numa sociedade.

HEZ Hidroelétrica do Zêzere (criada em 1945), EDP.

Holoceno Últimos 11.700 anos da história do Planeta Terra.

Hulha Branca Água em queda aproveitada para produção de energia elétrica.

Hulha Negra Carvão fóssil, negro, de aparência compacta, bandado, que, depois da antracite, é o que tem maior percentagem de carbono.

Humano Uma descrição de características físicas e mentais da espécie *Homo Sapiens*, quanto a comportamentos e qualidades distintivas da espécie humana em relação a outros seres vivos - compaixão, empatia, solidariedade, criatividade.

I

ICNF Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

IHRU Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana. A entidade pública promotora da política nacional de habitação.

Incêndio É uma ocorrência de fogo não controlado, que pode ser extremamente perigosa para os seres vivos e todas as estruturas envolventes.

Indígena Membro de uma tribo que resiste à colonização e que vive em simbiose com o meio natural, alguém com proximidade ao local que o corpo habita.

Invasor Influências que entram num domínio cultural, social ou político, de forma intrusiva ou indesejada, podendo provocar mudanças perturbadoras. Algo ou alguém que também poderá entrar de forma não autorizada ou ilegal, associando-se conotações de violação, ocupação ou interferência indesejada.

J

L

N

Jusante _A posição para que flui um curso de água. A direção para a qual o curso de água corre.

Justiça Ambiental _A garantia de que todos possam ter o direito a um ambiente sustentável, saudável e seguro, incluindo equidade no acesso aos recursos naturais, participação pública nas decisões ambientais e proteção dos direitos das comunidades mais afetadas nestas questões. Reconhece-se que as comunidades mais vulneráveis enfrentam uma carga desproporcional de impactos ambientais negativos, tais como, a poluição do ar, degradação do solo e exposição a produtos químicos tóxicos.

Justiça Social _A distribuição equitativa de oportunidades, recursos e direitos na sociedade, com o objetivo de garantir que todos os membros de uma comunidade, tenham acesso a condições de vida dignas e igualdade de oportunidades. A promoção de políticas e práticas que combatam a discriminação, a marginalização e a exclusão social.

Leito _O fundo de um rio, onde a água corre. A parte do canal que está permanentemente coberta pela água.

Limite _É uma linha/barreira imaginária de extremo, como impedimento de ultrapassar para além do estipulado de um determinado objetivo. / Limite físico de extremo que se poderá, ou não, atingir.

Lógica _A procura pelo entender de um pensamento que poderá ser organizado de maneira consistente e coerente para chegar a conclusões verdadeiras com base em premissas válidas.

Lugar _Um espaço físico, num sentido básico, numa área ou ponto específico terrestre. Um espaço que também poderá ser conceitual ou figurativo, como um “lugar na mente”, para a descrição de uma ideia ou conceito abstrato.

M

Manifesto _Ação/ Reação a cerca de um problema.

Margem _Barreira que deveria agir como filtro, mas não funciona. Limites adjacentes ao limite do rio cuja composição afeta o estado da água. “O dorso da Albufeira.” (Ferraz, Telmo (1960), Lodo e as Estrelas).

Meandro _Curva acentuada de um rio que muda de forma e posição consoante as variações de maior ou menor energia e cargas fluviais durante as várias estações do ano.

Memória _Retenção e recuperação de experiências, conhecimentos, habilidades e percepções, ao longo do tempo. Uma caracterização fundamental à identidade pessoal.

Metáfora _Uma comparação implícita entre duas coisas diferentes, destacando uma semelhança subjacente entre elas através da utilização de uma palavra ou expressão, num determinado contexto, para descrever algo de forma simbólica ou figurativa.

Mineração _A extração de minerais, metais, combustíveis fósseis, como carvão, petróleo e gás natural, e outros recursos naturais do solo ou subsolo da Terra, para uso Humano. Uma atividade essencial à economia global agregada ao provável desenvolvimento de impactos ambientais significativos.

Montante _A direção de onde é proveniente o curso de água num rio. Refere-se à zona onde está armazenada a água das Barragens nas Albufeiras.

Multiculturalismo _A coexistência de diversas culturas dentro de uma sociedade ou comunidade. O reconhecimento e valorização da diversidade cultural, promovendo a igualdade de direitos e oportunidades para todos os grupos culturais.

Multiespécies _A diversidade biológica e a coexistência de várias espécies num mesmo habitat, reconhecendo as diferentes interações entre as mesmas e os papéis que desempenham na estrutura e funcionamento dos ecossistemas.

Não-Humano _Todos os organismos que não o Ser Humano. Produções fora de uma proveniência e alcance Humano.

Natural _Uma ocorrência não produzida ou modificada por humanos. Algo que estará em conformidade com leis ou padrões fundamentais da natureza, da física, da biologia ou de outros campos científicos.

Natureza _O mundo físico, de seres vivos, e ambientes naturais, com processos naturais, que existem independentemente da intervenção humana.

O compromisso com a regeneração do território

Conclusão

Patrícia Barbas

O atelier Na Margem evidencia, através destas reflexões individuais, que o futuro do território não pode ser apenas um exercício de planeamento, mas uma ação contínua de respeito, escuta e intervenção consciente.

O território do Zêzere, profundamente marcado pela construção da barragem do Cabril, é um espaço de contrastes. Entre a memória e a transformação, a infraestrutura e a ecologia, a presença humana e o abandono, a investigação do atelier Na Margem revelou as tensões que moldam este lugar. Mais do que um estudo sobre a paisagem, este trabalho questiona o impacto da intervenção humana e propõe caminhos alternativos para a regeneração do território.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que o Zêzere não pode ser compreendido apenas como um cenário natural, mas sim como um território vivo, onde infraestruturas, monoculturas e práticas extrativistas disputam espaço com ecossistemas ribeirinhos, florestas e comunidades. A barragem do Cabril alterou radicalmente a relação entre o rio e o vale, submerso aldeias, redesenhandando acessibilidades e moldando o desenvolvimento da região. O que antes era um território de ocupação agrícola e de práticas tradicionais deu lugar a uma paisagem fragmentada, onde os impactos ambientais e sociais ainda hoje se fazem sentir.

A investigação abordou os efeitos do despovoamento, a estagnação das infraestruturas industriais e a dependência económica de práticas insustentáveis, como as monoculturas florestais e as explorações mineiras. A pesquisa revelou que a presença de metais pesados na água, a contaminação dos solos e a degradação dos habitats naturais são ameaças persistentes que comprometem a biodiversidade e a qualidade de vida na região.

A floresta, que deveria ser um espaço de vida e biodiversidade, foi transformada, ao longo do tempo, numa paisagem homogénea e altamente inflamável, dominada por eucaliptos e pinheiros-bravos. O incêndio de 2017 que resultou na morte de 66 pessoas, atingindo 261 casas e devastou mais de 53.000 ha, foi um reflexo dessa vulnerabilidade, agravada pelo abandono das terras agrícolas e pela falta de um plano eficaz de gestão territorial e florestal.

Apesar da magnitude dos desafios, a investigação aponta para um caminho de possibilidades e reconstrução. Através das viagens de campo e do contacto com os habitantes locais, tornou-se evidente que o território ainda guarda saberes ancestrais e práticas resilientes que podem ser reativadas para promover uma nova relação entre a arquitetura, a paisagem e a comunidade.

A revitalização do território rural depende da capacidade de resgatar tradições, regenerar ecossistemas e integrar o ser humano na paisagem de forma equilibrada. O campo não é um lugar estático, mas um espaço de transformação, onde o passado e o futuro podem coexistir em harmonia.

A arquitetura tem um papel fundamental na preservação da identidade local e na construção de um futuro sustentável. Mas, mais do que desenhar novos espaços, é preciso aprender a ler e ouvir a paisagem, a respeitar os seus ritmos e a atuar com sensibilidade e responsabilidade.

Se o campo é um lugar de todos, então que seja um lugar de reconstrução, de reconciliação e de futuro.